



Católicos celebram Nossa Senhora Aparecida: intercessora e mestra do Evangelho

Em todo o Brasil, nas igrejas, ruas e praças, Nossa Senhora Aparecida foi solenemente festejada na segunda-feira, 12.

No Santuário Arquidiocesano de Nossa Senhora Aparecida, no Ipiranga, os fiéis lotaram as dez missas celebradas, entre as quais a que foi presidida pelo Cardeal Odilo Pedro Scherer.

“Quem tem uma firme devoção a Nossa Senhora nunca vai se desviar da fé em Jesus”, sublinhou o Arcebispo Metropolitano na homilia. Ele também explicou que ao chamar a Virgem Maria de “nossa Mãe”, os católicos não fazem idolatria, mas sim reconhecem a dignidade que o Senhor a ela conferiu: “Foi Deus que escolheu Maria, que a preparou e a tornou cheia de graça. Nossa Senhora é a Imaculada Conceição. Imaculada, pois Deus a preservou do pecado original para prepará-la, desde o primeiro instante, para ser a Mãe do Filho de Deus que por ela viria ao mundo”.

No Dia da Padroeira do Brasil, os fiéis também pediram a intercessão de Maria pelo futuro do País e reforçou-se o apelo para que predomine o diálogo e o respeito ao próximo.

Páginas 7, 8, 10 a 14



Luciney Martins/O SÃO PAULO

‘Honrar Maria não é colocá-la no lugar de Jesus’, diz Dom Odilo em missa na segunda-feira, 12

Qual sociedade estamos construindo com aquilo que a IA pode fazer?

Esta pergunta permeia esta edição do *Caderno Fé e Cidadania*, cujas análises partem da reflexão que o Papa Leão XIV propõe nos parágrafos iniciais da encíclica *Magnifica humanitas*: a humanidade está diante de uma escolha entre construir uma nova “Torre de Babel” ou edificar uma cidade na qual Deus e todas as pessoas possam habitar juntos.

O tema ganha ainda mais relevância diante do uso crescente da inteligência artificial na definição e gestão de políticas públicas e nas relações comerciais, nem sempre com a utilização desta tecnologia para um justo desenvolvimento econômico e a construção do bem comum. Sua aplicação na gestão pública só se justifica se ajudar a ampliar direitos, preservar o controle humano e colocar a dignidade da pessoa acima da eficiência dos algoritmos.



Encontro com o Pastor

Todos são missionários, cada um no seu lugar e com o dom recebido de Deus

Página 2

Editorial

A Igreja defende a sacralidade da vida ante a atual cultura do descarte

Página 4

Espiritualidade

A arte de educar permanece uma das mais belas expressões do amor cristão

Página 5

Comportamento

Defender a fé sempre com o uso da verdade e com respeito ao próximo

Página 5

Liturgia e Vida

‘É preciso obedecer antes a Deus que aos homens’ (At 5,29)

Página 15

Papa Leão XIV é operado para retirada de nódulo no pulmão direito

Procedimento ocorreu na terça-feira, 13, no Hospital Policlínico Gemelli, em Roma. Segundo a equipe médica, “a cirurgia foi bem-sucedida e não houve complicações”. O Pontífice, de 71 anos, permanece internado em recuperação.

Página 16

São Carlo Acutis viveu concretamente as virtudes cristãs em grau heroico

Talvez seja insuficiente dizer que ele evangelizou a internet. Antes, Cristo conquistou sua inteligência, vontade, afetos, talentos e liberdade, para que, assim, o jovem pudesse colocar tudo isso a serviço da evangelização.

Página 6

Mais de 500 milhões de cristãos enfrentam barreiras para ter acesso à Bíblia

É o que aponta um relatório internacional divulgado neste mês, com dados de 106 países. Perseguições, restrições governamentais, violência de grupos extremistas e pressões familiares e sociais estão entre os motivos.

Página 15



**CARDEAL
ODILO PEDRO
SCHERER**

Arcebispo
metropolitano
de São Paulo

Unidos em Cristo, participando da missão

No domingo, 18 de outubro, a Igreja Católica celebra em todo o mundo o Dia Mundial das Missões pela 100ª vez. Bem se vê que não é de hoje que ela tem a preocupação missionária e deseja envolver todos os seus filhos na obra missionária. De fato, essa preocupação vem dos tempos apostólicos, que já envolviam as comunidades dos fiéis na obra missionária. E assim aconteceu ao longo de dois mil anos da história da Igreja.

Jesus deu início à Igreja com o chamado dos apóstolos e dos demais discípulos. Comunicou-lhes o dom precioso do Evangelho do Reino de Deus e os preparou para que, depois dele, continuassem a anunciar essa boa nova a todos os povos e, também, fossem suas testemunhas em toda parte. E ofereceu-lhes a assistência permanente do Espírito Santo, para conduzir e animar a Igreja no cumprimento de sua missão.

Jesus não fundou uma ONG ou uma instituição autorreferencial deixada ao seu próprio destino. Ele quis

que a comunidade dos discípulos ficasse bem unida a Ele, a Deus Pai e ao Espírito Santo. Na sua despedida, após a Última Ceia, Ele pediu que os apóstolos permanecessem unidos entre si, unidos Nele e em Deus Pai e se deixassem conduzir pelo Espírito Santo. Na parábola da videira e dos ramos, a necessidade dessa união e comunhão eclesial, que vai além dos aspectos meramente humanos, aparece fortemente configurada (cf. Jo 15,1-8). Ele é a videira, os discípulos são os ramos e o Pai do céu é o agricultor. O ramo que não permanece unido à videira fica infrutífero e seca. Jesus deseja que a missão dos apóstolos produza muitos frutos e indica a condição para que isso aconteça: permanecer unidos Nele e na comunhão eclesial.

O Papa Leão XIV, na sua mensagem para o 100º Dia Mundial das Missões, destaca isso: se quisermos que o trabalho missionário da Igreja produza frutos ainda em nossos dias, precisamos estar em comunhão com Cristo e em comunhão eclesial. As divisões internas da Igreja enfraquecem o testemunho missionário. As tentativas de atacar e minar, den-

tro da própria Igreja, a credibilidade e idoneidade moral de anunciar e testemunhar o Evangelho são péssimas para a sua missão. As questões internas da Igreja sobre aspectos organizativos e culturais não devem se tornar a preocupação principal da Igreja, para não enfraquecer o seu ardor missionário.

Leão XIV destacou a importância de uma renovada consciência sobre a natureza missionária da Igreja e a urgência da ação missionária bem participada. É importante perguntar sempre de novo: para que existe a Igreja? E lembrar que o primeiro motivo da sua existência é o anúncio e o testemunho do Evangelho. Portanto, isso precisa ter a primazia nas ações da Igreja e deve ser feito de muitas maneiras. A missão é da Igreja toda e, portanto, todos os membros da Igreja são missionários, cada um no seu lugar e com o dom recebido de Deus. Pela fé e pela nossa pertença à Igreja, somos todos da única grande vinha do Senhor, chamados a produzir frutos de vida nova, de testemunho e anúncio do Evangelho. “Permaneçam em mim e eu em vós: se permanecerdes em

mim e eu em vós, então produzireis muitos frutos” (cf. Jo 15,5).

A missão faz parte da natureza sinodal da Igreja e não deve ser relegada a alguns poucos. Todos os membros do povo de Deus participam dos bens da Igreja a partir do Batismo. Todos recebem os bens da redenção, da vida nova, do amor de Deus e da esperança mediante a inserção em Cristo, a “videira verdadeira”. E isso não é para que tenhamos esses bens apenas para nós mesmos, mas para que os compartilhemos com os demais e com o mundo. Somente pessoas e comunidades cristãs fervorosas tornam-se missionárias e dão testemunho de Jesus Cristo.

Uma das formas de participação da obra missionária da Igreja é o apoio material, mediante a “coleta missionária”, feita no Domingo das Missões em todas as celebrações da Igreja Católica. Com essa ajuda generosa, é possível apoiar concretamente a ação de muitos missionários nas “frentes de missão”, nas quais a Igreja está ausente ou ainda pouco presente. Sejam generosos nessa partilha missionária. Será no domingo, dia 18 de outubro.



SANTA CAROLINA

CHILE 1875

Nascida da inspiração e moldada pelo tempo,
 Carolina carrega um legado histórico. Reinventa tradições,
 cria novas experiências e desperta sensações únicas.
 É ousadia com alma. É o passado que pulsa no presente.

CAROLINA

RESERVA



Beba com moderação.



CELEBRAÇÃO DA PADROEIRA DA PARÓQUIA NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS



Na noite da quinta-feira, 8, o Cardeal Odilo Pedro Scherer presidiu a missa solene da festa da **padroeira da Paróquia Nossa Senhora dos Remédios, Decanato São Tiago de Alfeu da Região Sé**. Na homilia, o Arcebispo Metropolitano destacou que a Paróquia, que já celebra o jubileu de 60 anos de criação, a serem completados em 2027, desempenha importante missão no bairro. Ele exortou os paroquianos a perseverarem no testemunho e da fé, da esperança e da caridade cristã. De acordo com o Padre Ricardo Anacleto, Pároco, o dia da padroeira foi precedido por um tríduo mariano, e no último final de semana houve a Festa Solidária para as crianças que participam da Catequese ou que são das famílias mais pobres assistidas pela comunidade paroquial.

(com informações do Padre Ricardo Anacleto)

MISSAS EM PARÓQUIAS DEDICADAS A NOSSA SENHORA APARECIDA



Na noite do domingo, 11, o Cardeal Scherer presidiu missa na **Paróquia Nossa Senhora Aparecida, no Parque Edu Chaves, Decanato São Matias da Região Santana**, no encerramento da novena em honra à padroeira. Na homilia, o Arcebispo Metropolitano destacou Maria como Mãe dos filhos de Deus, e que em Jesus Cristo todos são chamados a formar uma única família de irmãos. Dom Odilo disse que os fiéis não devem ter medo de honrar Maria e de acolhê-la de diferentes maneiras. Também lembrou que Maria não ocupa o lugar de Jesus e que ela é Mãe e conduz os cristãos ao encontro de seu Filho. A Eucaristia foi concelebrada pelo Padre Nicoló Stauble, Pároco, com a assistência do Diácono seminarista Rainério Sapalo Martinho.

(com informações de Marcelo Fagner)



O Cardeal Odilo Pedro Scherer, Arcebispo Metropolitano de São Paulo, presidiu missa na **Paróquia Nossa Senhora Aparecida, no Jardim São Paulo, Decanato São Judas Tadeu da Região Santana**, na tarde da segunda-feira, 12, por ocasião da festa da padroeira. Concelebrou o Padre Humberto Robson de Carvalho, Pároco.

(com informações de Robson Francisco)



Na manhã do domingo, 11, na **Paróquia Nossa Senhora da Imaculada Conceição Aparecida, no Jardim Ester, Decanato São Bartolomeu da Região Lapa**, Dom Odilo Scherer presidiu a missa do nono dia da novena da padroeira. Concelebraram o Padre Benedito Aparecido M. de Rocha, Pároco, e o Padre Dom André Alves dos Santos, OSB, com assistência do Diácono Antônio Geraldo de Souza. Na saudação inicial, o Arcebispo Metropolitano convidou os fiéis a também render graças a Deus pelos 25 anos de criação da Paróquia, que foram comemorados no dia seguinte, 12, na Solenidade de Nossa Senhora Aparecida.

(com informações de Benigno Naveira)

EDITAL DE CONVOCAÇÃO ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA ASSOCIAÇÃO CULTURAL SÃO PAULO

São convocados os associados proprietários da ASSOCIAÇÃO CULTURAL SÃO PAULO, com sede na Rua Monte Alegre, 1083, Perdizes – SP, para Assembleia Geral Extraordinária, que será realizada no dia 22 de outubro de 2026, às 09h30, na Rua João Ramalho, 182, 3º andar, São Paulo - SP. A ordem dos trabalhos será a seguinte: 1. Prorrogação do prazo de pagamento previsto no Instrumento Particular de Compromisso de Compra e Venda de Imóveis, Condições Resolutivas e outras avenças, celebrado entre a Associação Cultural São Paulo e a Incorporadora Inovare Realty Desenvolvimento Imobiliário Ltda. e Zambon Pacheco Empreendimentos Imobiliários Ltda.; 2. Outros assuntos de interesse da Associação. Caso na primeira convocação não estejam presentes os associados proprietários em número suficiente para a instalação da Assembleia Geral Extraordinária, esta será instalada em segunda convocação com qualquer número de participantes, às 10h00, na mesma data e local.

São Paulo, 14 de outubro de 2026
José Olímpio Cardoso Neto
Presidente

Presenteie com fé, carinho e significado.
Encontre na Livraria Loyola o presente perfeito.

Livraria Loyola
sempre um bom livro para você
.com.br



Conheça este e diversos outros modelos de presépios, disponíveis em diferentes estilos e tamanhos!

Disponíveis em nossas lojas e também em nosso site:
www.livrarialoyola.com.br



KERIX 2027
Planejamento Espiritual Anual
DE: R\$ 119,00
POR: R\$ 107,10



SIMPLESMENTE AMAR
Reflexões diárias para casais
DE: R\$ 69,90
POR: R\$ 55,90

Rua Senador Feijo, 120 | Centro - São Paulo/ SP (11) 97206-5764
Rua Quintino, 234 | Centro - São Paulo / SP (11) 98459-5171
Rua Padre Visconti, 08 | Embaré - Santos / SP (13) 3231-2474
Rua Barão de Jaguará, 1389 - Centro - Campinas / SP (19) 3236-3567

Editorial

‘Para que todos tenham vida’

Na primeira semana de outubro, a Igreja no Brasil celebra a Semana Nacional da Vida, instituída pela CNBB em 2005. Promovida de 1º a 7 de outubro, a iniciativa culmina no dia 8, dedicado ao Nascituro, e convida os fiéis a estimular o respeito à vida humana em todas as suas etapas — desde a concepção até seu fim natural —, valorizando a dignidade da pessoa, a família, a maternidade e a paternidade, a infância, os idosos, os enfermos e os mais vulneráveis. É um contraponto anual da Igreja à cultura do descarte tão presente na sociedade atual.

Meditar sobre o mistério da existência humana é algo cada vez mais essencial nos dias atuais. Em um mundo progressivamente mais secularizado e conectado, tornou-se comum a difusão insistente, tanto nas redes sociais quanto nos meios tradicionais de comunicação, de ideias que relativizam o valor da vida. As justificativas são as mais variadas: o aborto, pois os filhos poderiam sofrer muito com as condições desta presente época; a eutanásia, pois os

pais seriam um fardo pesado demais para os filhos sustentarem; a fertilização *in vitro*, porque todas as pessoas devem ter o direito de ter um filho quando bem entenderem, mesmo à custa de outras vidas.

Um olhar mais atento é capaz de enxergar o que está por trás da grande maioria das justificativas: a troca da sacralidade da vida pelo conforto pessoal. Em suma, é a vitória do utilitarismo em detrimento da Lei Natural. A despersonalização do ser humano torna o próximo apenas uma peça ou empecilho no caminho do prazer pessoal. Quando essa mentalidade se torna predominante, é justamente o momento em que o mundo fica mais suscetível às barbáries e crimes contra a humanidade.

Em última análise, é a completa antítese do Calvário e da Cruz de Cristo. Enquanto Nosso Senhor se sacrifica a si mesmo pelo outro, a ideologia antívita sacrifica o outro por si. Nesse sentido, as constantes, frequentes e abundantes defesas propagandeadas a favor do aborto ilustram isso de forma ainda mais patente: até mesmo as palavras utilizadas lembram as de um

sacerdote durante a Santa Missa. Enquanto o padre, ao consagrar o pão, diz “isto é o meu corpo que será entregue por vós”, a apologia feminista se utiliza das mesmas palavras — “isto é o meu corpo” — para sacrificar o próprio filho.

Dito isso, seria um equívoco reduzir a pauta da vida a algo estritamente legislativo, sobre o que deveria ou não ser aprovado pela lei. Por mais que isso seja, de fato, muito importante, há de se reconhecer que muitas vezes os encargos de gerar um novo filho, de cuidar de parentes mais velhos enfermos e a dor de não conseguir conceber após o casamento podem ser altos. Quanto a isso, faz parte da defesa da vida e do dever cristão fazer o que estiver ao alcance para reduzir o fardo e acolher o próximo.

Nesse sentido, favorecer e promover a criação de creches acessíveis para mães que precisam trabalhar durante o dia, ajudar instituições hospitalares que tratam doentes por meio de doações e dedicar nosso tempo a dar apoio emocional e psicológico a quem necessita são ações fundamentais e concretas que todos podem fazer

para dar corpo ao tema da vida. Pensar nessa matéria não é apenas garantir que alguém se mantenha respirando, mas também assegurar que cada indivíduo viva com dignidade.

Trabalhar para que essa realidade seja alcançada é, em essência, cumprir o mandamento que Cristo nos dá de nos amarmos uns aos outros. Como Ele mesmo nos diz: “Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns aos outros” (Jo 13,35). É a caridade que nos impele e nos move para o cuidado do próximo. E é por meio dela, fortalecida na oração e nos sacramentos, que ajudamos a aliviar a carga de quem necessita, sabendo que é no necessitado que encontramos Jesus.

Portanto, ao concluirmos a Semana da Vida, renovemos nosso compromisso de cumprir os deveres que a fé cristã nos impõe. Que, a partir dela e com a ajuda da graça, defendamos a vida contra todos os ataques que surgirem, sejam eles provenientes de decisões políticas ou de situações de injustiça social. Movidos pela caridade, sejamos nós Cristo para o próximo da mesma forma que Ele o é para nós.

Opinião

O voto cristão deve ser sempre por valores

ROBERTO VERTAMATTI

Votar é muito mais do que escolher um candidato. Para o cristão, o voto é uma responsabilidade moral. É uma decisão que deve ser tomada diante de Deus, com consciência, prudência e compromisso com a verdade e o bem comum.

Santo Agostinho dizia que uma sociedade somente pode ser verdadeiramente justa quando está orientada para o bem. São Tomás de Aquino, ao tratar da lei e da vida em sociedade, mostrou que toda autoridade deve estar a serviço do bem comum e da justiça. O Cardeal John Henry Newman insistiu na importância da consciência bem formada. O Beato Fulton Sheen lembrava que não podemos separar nossa fé das decisões concretas da vida. E o Papa Leão XIV tem reafirmado que a ação política deve colocar a pessoa humana no centro, buscar o bem comum e defender, acima de interesses particulares, os mais frágeis e marginalizados.

Por isso, o cristão não deve votar simplesmente por simpatia, por interesses pessoais ou por promessas eleitorais. Deve votar em valores.

O primeiro valor é a defesa da vida. A vida humana é dom de Deus e deve ser respeitada desde a concepção até a morte natural. Nenhuma sociedade pode construir um futuro verdadeiramente justo quando aceita que



vidas humanas e, ainda as mais indefesas, sejam descartadas ou consideradas sem valor.

O segundo é a defesa da família, fundada no Matrimônio entre um homem e uma mulher. A família é a primeira comunidade de amor, educação e formação da pessoa. Defendê-la é defender as crianças, os pais, os idosos e o próprio futuro da sociedade.

O terceiro é a preferência pelos pobres e pelos mais vulneráveis. A economia e as políticas públicas devem criar condições para que as pessoas

possam trabalhar, empreender, estudar, desenvolver-se integralmente e superar a pobreza com dignidade.

O quarto é a defesa da liberdade e da dignidade humana, inclusive da liberdade religiosa, respeitando a consciência e o direito de cada pessoa de viver sua fé.

O quinto é o combate à corrupção. O dinheiro público pertence à sociedade e deve ser utilizado com honestidade, transparência e responsabilidade. O cristão não pode considerar normal a corrupção, o favorecimento

pessoal, o desvio de recursos ou qualquer prática que prejudique os mais necessitados.

Portanto, o cristão deve analisar candidatos e partidos à luz desses valores. Não existe candidato perfeito, mas existem princípios que não podem ser abandonados em troca de vantagens, favores ou conveniências políticas.

O voto cristão não é um voto de paixão. É um voto de consciência. Não é um voto de interesses pessoais. É um voto pelo bem comum. Não é apenas escolher quem governará. É assumir responsabilidade pelo país que queremos deixar para nossos filhos e netos.

Antes de votar, o cristão deve perguntar: este candidato respeita a vida? Defende a família? Combate a corrupção? Combate as drogas e defende a segurança da população? Trabalha pelo bem comum? Demonstra verdadeira preocupação com os pobres e os mais vulneráveis? Respeita a liberdade e a dignidade humana?

Se queremos um Brasil melhor, precisamos começar também pela qualidade das nossas escolhas.

Um voto verdadeiramente cristão é um voto colocado a serviço da verdade, da vida, da família, dos pobres e do bem comum.

Roberto Vertamatti é vice-presidente de Economia da Associação dos Dirigentes de Vendas e Marketing do Brasil (ADVB), conselheiro da Associação Nacional de Executivos (Anefac), PhD em Administração pela FCU – Florida Christian University

Espiritualidade

A arte de educar em tempos de dispersão



**DOM MÁRCIO
ANTONIO VIDAL DE
NEGREIROS, OSA
BISPO AUXILIAR DA
ARQUIDIOCESE NA
REGIÃO SANTANA**

O dia 15 de outubro, dedicado aos professores no Brasil, coincide com a memória litúrgica de Santa Teresa de Jesus, reformadora do Carmelo e primeira mulher Doutora da Igreja. Sua figura tornou-se símbolo da missão educativa porque compreendeu profundamente a alma humana e desenvolveu uma verdadeira “pedagogia mística”, capaz de conduzir pessoas ao encontro consigo mesmas e com Deus. Em tempos de tantos desafios, sua vida e suas obras oferecem caminhos para pensar a educação hoje.

Santa Teresa viveu no século XVI, mas enfrentou questões que ecoam no século XXI: dispersão interior, superficialidade das relações, dificuldade de concentração, perda de sentido e necessidade de formar pessoas capazes de discernir, amar e servir. Sua obra *O Castelo Interior* apresenta um itinerário pedagógico: Teresa não apenas descreve as moradas da alma, mas

ensina a caminhar por elas. Sua linguagem simples revela uma profunda capacidade de educar pela escuta, pela paciência e pela confiança.

A educação atual atravessa uma crise estrutural e cultural. A hiperconectividade fragmenta a atenção; a velocidade das informações dificulta a reflexão; o ensino a distância, embora útil, mostra limites quando falta convivência, olhar e presença. A escola pública, essencial para a justiça social, enfrenta falta de recursos, desvalorização profissional, violência, evasão e desigualdades históricas. Muitos professores se veem pressionados por demandas que ultrapassam o âmbito pedagógico, tornando-se “heróis cansados”, chamados a resolver problemas sociais que a escola não consegue suportar sozinha.

Nesse contexto, Santa Teresa inspira um novo olhar. Para ela, educar é conduzir ao interior, ajudar cada pessoa a descobrir sua dignidade, sua vocação e sua capacidade de amar. A verdadeira educação não é apenas transmissão de conteúdos, mas formação integral: inteligência, afetividade, espiritualidade, responsabilidade e liberdade. Teresa sabia que ninguém aprende sem desejo, silêncio, esforço e relação. Por isso, sua pedagogia é profundamente relacional: nasce da proximidade e da capacidade de enxergar o outro como obra de Deus.

Jesus, o Mestre por excelência, é

o modelo dessa pedagogia. Ele ensinava com palavras e gestos, mas sobretudo com convivência. Sua escola era o caminho, a casa, a mesa, o cotidiano. O discipulado cristão é uma experiência educativa: aprender de Jesus para viver como Ele. Santa Teresa compreendeu isso e fez de sua vida um espaço de formação. Assim, sua figura ilumina a vocação dos professores: mais do que profissionais, são formadores de pessoas, artesãos de humanidade, mediadores de sentido.

Em um tempo em que a educação corre o risco de se reduzir a técnicas e métricas, Santa Teresa lembra que ensinar é uma arte que exige alma, presença e amor. A tecnologia auxilia, mas não substitui o encontro. A escola pode se reinventar, mas não pode perder sua essência: ser lugar de convivência, descoberta e esperança. E o professor, mesmo pressionado, continua sendo aquele que abre caminhos, desperta talentos e ajuda cada aluno a entrar em seu próprio “castelo interior”.

Celebrar o Dia dos Professores à luz de Santa Teresa de Jesus é reconhecer que a educação é vocação, missão e, para muitos, caminho de santidade. É também um convite para que a sociedade valorize aqueles que dedicam sua vida a ensinar. E, sobretudo, é lembrar que a arte de educar permanece uma das mais belas expressões do amor cristão: formar pessoas para que sejam plenamente humanas, livres e capazes de amar.

Você Pergunta

Quem namora um divorciado pode comungar?

PADRE CIDO PEREIRA
osaopaulo@uol.com.br

A Ana Carol, de Maringá (PR), me escreve dizendo que está namorando um homem divorciado. Diante disso, me pergunta: “Eu posso comungar estando neste relacionamento?”

Sabe, minha irmã, sua pergunta permite um tanto de respostas, porque é preciso saber o que você entende como “namoro”. Hoje a moral sexual ficou tão laxa que é preciso, sim, esclarecer as coisas. E lá vai uma reflexão, para que você mesma tire suas conclusões.

Para muitos, hoje o namoro significa “ficar”, que em muitos casos já quer dizer manter um relacionamento sexual com alguém, sem nenhum compromisso e sem sentimento de culpa. Hoje, infelizmente, divulga-se a ideia de que, desde que haja cumplicidade, tudo bem, “segue o bonde”, e isso se chama namoro.

Hoje até se cunhou uma expressão esquisita, mas que explica tudo. Quando um casal é questionado se é marido e mulher, a mulher diz que arranjou um “namorado”, que significa ter um relacionamento conjugal sem serem casados.

No seu caso, minha irmã, se você tem um relacionamento desse tipo, fica claro que não pode comungar. Se vocês estão se respeitando, se conhecendo melhor, sem o relacionamento conjugal, pode comungar, é claro.

Entretanto, me permita fazer um alerta a você, com todo o carinho: esse tipo de relacionamento é complicado, porque você não tem a história completa. Da história do primeiro casamento do seu namorado, você tem apenas a versão dele. E, não raro, esta versão fala mais do sofrimento dele do que da mulher que conviveu com ele. Pense nisso tudo, minha irmã, e lembre-se de que casamento na Igreja só será possível com um processo de verificação sobre a nulidade do primeiro casamento do seu namorado. Que Deus lhe dê muita luz.

Comportamento

Defender a fé com o uso da verdade

LUIZ VIANNA

Preciso confessar: gosto muito de política, debates de ideias e discussões acaloradas. Nas redes sociais, prefiro os debates às dancinhas. Prefiro os embates às piadinhas.

Em tempos de eleição, as “timelines” ficam inundadas dessas discussões, é muito ruído e muita opinião. Umas boas, outras nem tanto.

Contudo, no meio de tudo isso há uma triste constatação: as pessoas têm muita dificuldade em debater com argumentos, de forma respeitosa, mesmo que com muita paixão.

Alguns dizem que a rede social é a nova praça pública. Aquele lugar onde, na Idade Média, os grandes retóricos discutiam assuntos importantes. Se fôssemos levados assim àquela época, certamente estaríamos vendo uma pancadaria generalizada.

O fulano vai à rede social, solta um argumento e pede a opinião dos outros. Na primeira opinião divergente, irrita-se e deixa a elegância de lado. Na maioria das vezes, a discussão respeitosa não passa da tréplica.

O que vejo em muitos é uma dificuldade em interpretar a realidade objetiva. Separar o que é a sua opinião pessoal do que são fatos ou verdades comprováveis. Apresentam sua visão de mundo como algo inquestionável, e se alguém apresenta um argumento razoável que coloca em xeque essa visão, começa a gritaria.

Esse é um dos principais frutos nefastos do relativismo subjetivista, que determinou na cabeça de muitos que o que vale é o que cada um percebe. Uma construção de

uma verdade individual, como se isso pudesse existir.

Infelizmente, isso não acontece apenas com as pessoas em geral na internet. Muitos comentaristas políticos famosos ou pessoas do jornalismo da TV aberta também escorregam nesta seara.

Recentemente, vi na TV aberta uma discussão sobre “mudanças constitucionais”. A comentarista de política “ensinava” sobre um suposto “princípio constitucional que impede o retrocesso”. Dizia que, por este princípio, “novas leis não podem causar retrocesso, se o fazem são inconstitucionais”.

Sabemos que isso não existe, mas gostaria muito de perguntar como poderíamos definir, na letra da lei, o que é “avanço” ou “retrocesso”, sem esbarrar nas opiniões pessoais.

Outro problema grave, e já tratei aqui, é o orgulho: uma desgraça. Ninguém muda de opinião, ninguém está errado. E é justamente aí que a coisa perde totalmente a graça.

O orgulho aprisiona, não permite enxergar o outro como uma pessoa. O orgulhoso não aprende, não evolui, não escuta as opiniões para enriquecer a sua. Passa o dia indo buscar na “prateleira dos argumentos de terceiros”, pedras para atacar a quem não se submete à sua visão de mundo.

Escaldado, já aprendi em que vale a pena gastar meu teclado ou ficar apenas lamentando a energia perdida. Então, minhas discussões acabam bastante limitadas.

Há algum tempo, fiz um *post* bem caloroso contra o aborto. Dois minutos para começar a receber pedradas.

Sabia que isso ia acontecer. Como era um fim de semana, me propus a responder todo mundo com a educação que minha mãe me deu e os remédios que meu médico receitou.

A maioria parava na segunda resposta minha. Mas teve um fulano bem dedicado, que começou a dar seus argumentos.

Seguindo minha promessa, respondi a seus comentários um a um. Usei de todos os argumentos que eu tinha. A discussão durou vários dias e algumas dezenas de réplicas.

Ao final, meu oponente encerrou disparando: “Você não vai me convencer, mas gostei muito de debater. Você usou bons argumentos e sem apelar para a questão religiosa. Até a próxima.”

Ah se fosse possível sempre discutir assim!

Contudo, antes de analisarmos os outros, precisamos analisar a nós primeiro.

Como cristãos, temos uma missão muito mais exigente. A de defender a fé, sempre com o uso da verdade e com respeito ao próximo. Necessário tomarmos o cuidado de não usar o escudo da fé e a espada de nossas próprias opiniões para entrar nesse embate, como se fosse uma guerra santa.

Que Deus nos ajude a nos mantermos fiéis a Ele no meio dessa confusão.

Luiz Vianna é engenheiro, pós-graduado em marketing e CEO da Mult-Connect, uma empresa de tecnologia. Autor dos livros “Preparado para vencer” e “Social Transformation e seu impacto nos negócios”, é também músico e pai de três filhos.

São Carlo Acutis: a santidade para além da internet

PADRE MICHELINO ROBERTO
osaopaulo@uol.com.br

Quando se fala de São Carlo Acutis, duas imagens aparecem quase imediatamente: o adolescente apaixonado pela Eucaristia e o jovem que utilizou a internet para divulgar os milagres eucarísticos. Entretanto, Carlo não foi canonizado porque sabia programar computadores nem porque realizou um extraordinário trabalho de evangelização pelos meios digitais. A razão é muito mais profunda: a Igreja reconheceu que aquele adolescente viveu as virtudes cristãs em grau heroico.

Portanto, para compreender verdadeiramente Carlo Acutis – beatificado em 2020 pelo Papa Francisco e canonizado pelo Papa Leão XIV em 7 de setembro de 2025 – é preciso olhar além da tela do computador e penetrar naquilo que acontecia dentro de sua alma.

FÉ: DEUS LEVADO A SÉRIO

A primeira característica de Carlo era uma fé que havia deixado de ser simplesmente uma tradição recebida para tornar-se uma relação pessoal com Cristo. O adolescente participava diariamente da Santa Missa e, quando os compromissos escolares o impediam, fazia a comunhão espiritual.

O jesuíta Padre Arturo Elberti destaca os dois grandes pilares sobre os quais Carlo construiu sua vida interior: a Eucaristia e Nossa Senhora. Participava diariamente da celebração eucarística, permanecia em adoração diante do Santíssimo Sacramento e rezava fielmente o Rosário.

A fé de Carlo Acutis, portanto, não consistia apenas em acreditar nas verdades cristãs. Era uma fé que procurava a presença de Cristo e desejava viver continuamente diante Dele. “Estar sempre perto de Jesus, esse é o meu projeto de vida”, dizia.

ESPERANÇA: A VIDA ORIENTADA PARA O CÉU

A esperança cristã manifesta-se sobretudo quando o homem é confrontado com seus próprios limites. Em outubro de 2006, aos 15 anos, Carlo recebeu o diagnóstico de uma forma agressiva de leucemia. Em poucos dias, sua saúde deteriorou-se rapidamente, mas ele conservou a serenidade e a alegria, mesmo nos momentos mais duros da doença. Mais ainda: ofereceu seus sofrimentos pelo Papa e pelo bem da Igreja, manifestando sua esperança de chegar ao Céu.

A esperança cristã havia criado nele uma espécie de hierarquia das coisas. A saúde, os estudos, as amizades, a informática e as diversões eram bens verdadeiros, mas não eram o Bem definitivo. Quando chegou a hora de abandoná-los, sua esperança estava colocada em algo maior.

CARIDADE: CRISTO ENCONTRADO TAMBÉM NOS POBRES

Talvez este seja um dos aspectos menos conhecidos de Carlo. Sua devoção eucarística transformava-se em atenção concreta às pessoas. A biogra-



fia oficial de sua canonização afirma que ele estava sempre disposto a ajudar colegas necessitados e que era amigo dos pobres de sua vizinhança, aos quais dava parte de sua mesada. Outros testemunhos registram que economizava dinheiro para ajudar necessitados e que se preocupava com moradores de rua.

O Cristo adorado no altar era o mesmo Cristo que Carlo procurava reconhecer nos pobres. A Eucaristia, portanto, não o afastava das necessidades humanas; ela educava seu olhar para percebê-las.

PRUDÊNCIA: APRENDER A ESCOLHER O VERDADEIRO BEM

A prudência é a virtude que permite reconhecer o verdadeiro bem em cada circunstância e escolher os meios adequados para realizá-lo. Carlo interessava-se por informática, estudava, tinha amigos e participava da vida própria de um adolescente. Havia em sua existência, porém, uma orientação fundamental: as coisas deveriam conduzi-lo a Deus e não o contrário.

Carlo percebeu que até mesmo algo tão fascinante como a tecnologia poderia ser colocado a serviço de uma finalidade superior. Assim, para ele, o computador deixou de ser simplesmente entretenimento e tornou-se também instrumento de evangelização.

JUSTIÇA: DAR A DEUS E AO PRÓXIMO AQUILO QUE LHES É DEVIDO

Carlo reservava espaço real para Deus em sua jornada: a Missa, a adoração, a oração e o Rosário não eram atividades ocasionais acrescentadas quando sobrava tempo. Essa justiça para com Deus se prolongava na justiça para com o próximo: o colega necessitado, o pobre, o marginalizado e quem precisava de ajuda encontravam nele atenção concreta.

O Cardeal Marcello Semeraro recordou, depois da canonização, que os testemunhos recolhidos no processo canônico destacavam particularmente a humildade de Carlo e relacionavam essa humildade à sua capacidade de perceber as necessidades dos mais fracos.

FORTALEZA: PREPARADO PELAS PEQUENAS FIDELIDADES

Como um adolescente de 15 anos estava espiritualmente preparado para enfrentar daquela maneira uma doença mortal? A resposta provavelmente está nas pequenas fidelidades anteriores. Carlo sempre fazia pequenos sacrifícios, pequenas renúncias.

É bem sabido que a fortaleza não surge repentinamente diante de uma tragédia, mas forma-se lentamente

quando aprendemos a suportar pequenas contrariedades, cumprir nossos deveres, renunciar a nós mesmos e permanecer fiéis ao bem mesmo quando isso é custoso para nós. Quando chegou a grande cruz, Carlo já havia aprendido, nas pequenas cruces, a oferecer-se.

PUREZA DE CORAÇÃO

A pureza, no sentido cristão mais profundo, é uma unificação interior da pessoa em torno de Deus. “Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus” (Mt 5,8).

A vida de Carlo manifesta essa progressiva simplificação interior. Eucaristia, oração, Nossa Senhora, serviço aos pobres, deveres escolares, amizades e apostolado não constituíam compartimentos separados. Tudo convergia para uma mesma finalidade: permanecer unido a Cristo. É precisamente isso que dá unidade às virtudes.

SUA VERDADEIRA GRANDEZA

Carlo Acutis, portanto, não é simplesmente “o Santo da internet”. Também pouco é Santo porque organizou uma exposição sobre milagres eucarísticos, ainda que tenha sido uma importante obra apostólica. A verdadeira obra aconteceu dentro dele. Foi a transformação progressiva de um adolescente comum pela graça de Deus.

A fé levou-o à Eucaristia. A esperança orientou sua vida para o Céu. A caridade levou-o aos pobres. A prudência ensinou-lhe a ordenar seus talentos para o bem. A justiça levou-o a dar espaço a Deus e atenção ao próximo. A fortaleza preparou-o para oferecer a própria doença. A temperança tornou-o livre diante dos bens materiais. A humildade impediu que seus talentos terminassem em si mesmo.

Carlo Acutis era um jovem real. Sua canonização demonstra que a santidade não exige uma vida extraordinária, mas sim que a vida ordinária seja progressivamente entregue a Deus de maneira extraordinária.

Talvez seja insuficiente dizer que Carlo evangelizou a internet. Antes disso, o Evangelho evangelizou Carlo. E somente porque Cristo havia conquistado progressivamente sua inteligência, sua vontade, seus afetos, seus talentos e sua liberdade, Carlo pôde depois colocar tudo isso a serviço da evangelização.

Esta é, afinal, a razão profunda pela qual a Igreja o apresenta como Santo: não pelo brilho de uma realização tecnológica, mas pelo heroísmo silencioso das virtudes cristãs vivido na normalidade de uma existência de apenas 15 anos.

A memória litúrgica de São Carlo Acutis é celebrada em 12 de outubro. No Brasil, porém, como neste dia se comemora a Solenidade de Nossa Senhora Aparecida, os bispos reunidos na 62ª Assembleia Geral da CNBB, realizada este ano, decidiram que, no âmbito das dioceses e paróquias, São Carlo Acutis seja celebrado em 13 de outubro.

175 mil fiéis participam da Solenidade da Padroeira do Brasil no Santuário Nacional de Aparecida

FERNANDO GERONAZZO
ESPECIAL PARA O SÃO PAULO

Cerca de 175 mil devotos participaram, na segunda-feira, 12, das celebrações de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, Padroeira do Brasil, no Santuário Nacional, em Aparecida (SP). Peregrinos de diferentes regiões do País se reuniram para homenagear a Virgem Maria em uma programação que incluiu sete missas, momentos de oração e consagração, além da tradicional procissão solene, encerrada com um espetáculo pirotécnico.

Um dos momentos centrais da festa foi a missa solene, às 9h, presidida por Dom Mário Antônio da Silva, Arcebispo de Aparecida. Foi a primeira vez que ele presidiu a celebração nessa condição, desde que assumiu o governo pastoral da Arquidiocese.

Na homilia, Dom Mário refletiu sobre o tema da novena preparatória, “Com Maria, em comunidade, conhecer e praticar a Palavra”, apresentando Nossa Senhora como modelo de discípula que acolhe a Palavra de Deus e a transforma em atitudes concretas.

A partir das leituras bíblicas, recordou o exemplo de Ester, que intercedeu por seu povo, ressaltando que a



Dom Mário incensa a imagem de Nossa Senhora Aparecida no Santuário Nacional

escuta da Palavra deve despertar a solidariedade diante do sofrimento humano. Ao comentar a mulher descrita no Apocalipse, destacou a perseverança e a esperança nas dificuldades. “Conhecer a Palavra é aprender a permanecer de pé quando a vida nos quer derrubar, e praticar a Palavra é não deixar ninguém cair, ninguém para trás e, se necessário, levantar quem caiu”, disse.

Ao recordar as Bodas de Caná, Dom Mário destacou a orientação de Maria aos serventes: “Fazei tudo o que Ele vos disser”, enfatizando que não basta conhecer os ensinamentos de Jesus, mas é necessário colocá-los em prática.

NOVO PROJETO ARTÍSTICO

Durante a celebração, o Arce-

bispo também anunciou o projeto “Semear a Palavra”, que dará continuidade ao acabamento artístico do Santuário Nacional. A iniciativa prevê o revestimento do teto das quatro naves da Basílica com mosaicos de inspiração bíblica, além da instalação de vitrais coloridos e da modernização da iluminação.

Concebida pelo artista sacro Cláudio Pastro (1948-2016), a obra representará um grande jardim, inspirado no Cântico dos Cânticos. Os trabalhos serão realizados gradualmente, começando pela Nave Norte, sem interromper as celebrações religiosas.

NOVENA PREPARATÓRIA

A festa da padroeira foi antecedida pela novena, realizada entre os dias 3 e 11, com celebrações presididas por bispos de diferentes regiões do Brasil. As reflexões aprofundaram a centralidade da Palavra de Deus na vida cristã e sua relação com a fraternidade, a justiça social e o compromisso missionário. Também houve procissões, atividades culturais e gestos concretos de solidariedade, culminando na solenidade de 12 de outubro.

(Com informações do portal A12 e do Santuário Nacional de Aparecida)

Dom Odilo destaca a dignidade humana e o bem comum em curso sobre Doutrina Social da Igreja

FERNANDO GERONAZZO
ESPECIAL PARA O SÃO PAULO

O Cardeal Odilo Pedro Scherer participou, na sexta-feira, 9, da segunda aula do curso *on-line* “Doutrina Social da Igreja: Fundamentos”, promovido pelo Núcleo de Pesquisa em Doutrina Social da Igreja (NDSI) da Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Na ocasião, o Arcebispo de São Paulo destacou a importância dos ensinamentos sociais da Igreja para orientar a atuação dos cristãos diante dos desafios da sociedade.

Ao saudar os participantes, Dom Odilo manifestou sua satisfação com a iniciativa de ampliar o acesso a esses conhecimentos. “A Doutrina Social da Igreja é o Evangelho de Jesus trocado em miúdos para a vida social, para as nossas relações sociais, a convivência com as outras pessoas, a convivência em sociedade e entre os povos”, afirmou.

HISTÓRICO DA DSI

O Arcebispo recordou que, desde a publicação da encíclica *Rerum Novarum*, do Papa Leão XIII, em 1891, o Magistério da Igreja tem se pronunciado sobre diferentes questões sociais, oferecendo elementos para o discernimento à luz do Evangelho.

Nesse percurso, mencionou documentos de diversos pontífices e



a constituição pastoral *Gaudium et Spes*, do Concílio Vaticano II, destacando a importância desse patrimônio para a compreensão do ensino social da Igreja.

Dom Odilo também fez referência à *Magnifica humanitas*, primeira encíclica do Papa Leão XIV, destacando sua reflexão sobre a dignidade humana diante dos avanços da inteligência artificial. Segundo o Cardeal, mais do que abordar as mídias sociais e os algoritmos, o documento trata da necessidade de assegurar que a pessoa humana não seja esquecida nem tenha sua dignidade desrespeitada nesse contexto tecnológico.

PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS

Ao apresentar alguns princípios da Doutrina Social da Igreja, Dom Odilo

sublinhou inicialmente a dignidade da pessoa humana.

“A pessoa humana deve estar no centro da economia, deve estar no centro da vida política, deve estar no centro da vida social, também da vida cultural. Não pode a pessoa humana ser desprezada, ser omitida e, de alguma maneira, ser rebaixada na sua dignidade para conseguir outros objetivos”, enfatizou.

Outro princípio destacado foi a subordinação da ordem social à ordem moral. Segundo Dom Odilo, as decisões humanas devem considerar critérios éticos, buscando discernir o que é verdadeiro, correto, justo, honesto e digno.

Ao abordar a solidariedade, o Cardeal recordou a imagem da humanidade como ocupante de um mesmo barco, utilizada pelo Papa Francisco.

“Neste barco, ninguém se salva sozinho”, afirmou, relacionando essa perspectiva ao cuidado com a “casa comum” e à responsabilidade de todos pela preservação do planeta.

O Arcebispo também ressaltou o princípio do bem comum, que deve orientar não apenas as decisões políticas e econômicas, mas igualmente as escolhas pessoais: “Não devemos visar apenas ao nosso bem individual, mas ao bem também das outras pessoas, de quem está conosco, ao nosso redor”.

FÉ E COMPROMISSO SOCIAL

Ao concluir sua participação, Dom Odilo incentivou os alunos a aprofundarem o estudo dos documentos do Magistério, especialmente das encíclicas sociais e da *Gaudium et Spes*.

“A Doutrina Social da Igreja nos ajuda a passar da nossa fé, daquilo que cremos, para o nosso agir social, o nosso conviver com os outros, para ser coerente com aquilo que são as nossas convicções de fé”, sintetizou.

Promovido gratuitamente pelo NDSI, o curso acontece às sextas-feiras de outubro, com encontros transmitidos ao vivo pelo canal do Núcleo no YouTube. A formação busca aprofundar os fundamentos teóricos, éticos e teológicos da Doutrina Social da Igreja e sua relação com os desafios contemporâneos.

(Colaborou: Karen Eufrosino)

‘Quem tem uma firme devoção a Nossa Senhora nunca vai se desviar da fé em Jesus’

ENFATIZOU O CARDEAL ODILO SCHERER EM MISSA NO SANTUÁRIO ARQUIDIOCESANO DE NOSSA SENHORA APARECIDA

Fotos: Luciney Martins/O SÃO PAULO



Fiéis lotam o Santuário Arquidiocesano de Nossa Senhora Aparecida, no Ipiranga, para participar da missa presidida pelo Cardeal Odilo Pedro Scherer, na segunda-feira, 12

DANIEL GOMES
osaopaulo@uol.com.br

“Viva a Mãe de Deus e nossa, sem pecado concebida, viva a virgem Imaculada, ó Senhora Aparecida”. O cântico de louvor à Padroeira do Brasil que se repetiu em muitas paróquias do País na segunda-feira, 12, também foi entoado pela assembleia de fiéis que lotou o Santuário Arquidiocesano de Nossa Senhora Aparecida para participar da missa das 10h, presidida pelo Cardeal Odilo Pedro Scherer.

Esta foi uma das dez missas do dia – a primeira celebrada às 5h30 e a última às 20h – na 84ª Festa de Nossa Senhora Aparecida na tradicional Paróquia do Ipiranga, elevada à dignidade de santuário em 2017.

Nossa Senhora Aparecida é Padroeira do Brasil desde 16 de julho de 1930, após decreto assinado pelo Papa Pio XI, acolhendo um pedido do episcopado brasileiro.

No começo da missa, após ser saudado pelo Padre Zacarias José de Carvalho Paiva, Pároco e Reitor, Dom Odilo destacou que aquela missa era celebrada na intenção “de todo o povo brasileiro, devoto, povo de fé, consagrado à Mãe de Deus” e pela saúde do Papa Leão XIV, que na terça-feira, 13, foi submetido a um procedimento cirúrgico para a retirada de um nódulo do pulmão (leia mais na página 16).

SEMEAR A BOA NOVA ÀS CRIANÇAS

Ao iniciar a homilia, o Arcebispo externou sua alegria em ver a participação das crianças na missa.

“É bom que as crianças desde pequenas aprendam que há o Papai do Céu e a Mamãe do Céu também. Que aprendam, na família, a fé traduzida em ações, em orações, em confiança. Isso é fundamental, porque o que é transmitido na infância fica no coração da pessoa e a acompanha a vida toda”, afirmou, exortando os pais e os demais familiares a “semear a boa semente no coração das crianças”.

ESCOLHIDA POR DEUS

Dom Odilo recordou que o título

de Nossa Senhora como Mãe de Jesus e nossa Mãe não foi uma decisão da Igreja, mas de Deus: “Foi Deus quem escolheu Maria, que a preparou e a tornou cheia de graça. Nossa Senhora Aparecida é a Imaculada Conceição. Imaculada, pois Deus a preservou do pecado original para prepará-la, desde o primeiro instante, para ser a Mãe do Filho de Deus que por ela viria ao mundo”.

MARIA NÃO SUBSTITUI JESUS

O Arcebispo também sublinhou que a invocação mariana não substitui a fé em Jesus: “Quando dizemos ‘Nossa Senhora’, nós atribuímos a ela respeito, veneração e o reconhecimento da obra de Deus. A reconhecemos como Mãe intercessora”.

Explicou, ainda, que foi o próprio Jesus quem entregou Maria como Mãe de todos os seus discípulos antes de ser crucificado. “Cristo dizendo ‘Filho, eis a tua mãe’, está querendo dizer ‘Filho, olhe para a tua mãe, a escute, a respeite. Tenha carinho por tua mãe’”.

Nesse sentido, detalhou que quando os católicos proclamam “Maria é nossa Mãe” estão sendo fiéis ao Evangelho: “Não é idolatria. Não estamos inventando coisa que não esteja na Bíblia”.

“Honrar a Maria não é colocá-la no lugar de Jesus. Maria não faz sombra a Jesus. Ela sabe bem o seu lugar. Ela continua a ser a humilde serva do Senhor, fazendo aquilo que está a seu alcance, em favor da família de Jesus, que é a Igreja e a humanidade toda”, sublinhou.

MESTRA DO EVANGELHO E INTERCESSORA

Dom Odilo também lembrou que Maria é modelo para todo cristão como aquela que sempre foi fiel aos desígnios de Deus e perseverou na fé, mesmo diante das dificuldades.

Recordando o Evangelho proclamado nesta celebração (cf. Jo 2, 1-11) – a passagem das Bodas de Caná, em que Jesus transforma água em vinho após o pedido de sua Mãe – o Cardeal

destacou que Nossa Senhora é a meseta do Evangelho, aquela que sempre diz aos cristãos “Façam tudo o que ele vos disser”, sempre recomenda o seguimento a Cristo e, ao mesmo tempo, é intercessora, pois leva ao Pai os pedidos dos fiéis.

Na conclusão da homilia, o Arcebispo explicou que a devoção a Nossa Senhora é uma tradição da Igreja, tendo os próprios apóstolos acolhido a Virgem Maria como mãe e com ela rezado. “Quem tem uma firme devoção a Nossa Senhora não vai se desviar da fé em Jesus”, enfatizou.

‘NÃO PODE HAVER BRIGA ENTRE OS IRMÃOS’

Após a comunhão, Dom Odilo convidou os fiéis a, com Maria, bendizer a Deus por Sua ternura e compaixão pela humanidade, especialmente pelos que mais sofrem.

“Peçamos a Deus, pela intercessão da Virgem Maria, que possamos todos permanecer firmes e fiéis na nossa fé, não desanimando com sofrimentos, dificuldades, contradições e até perseguições. Que isso não nos faça esmorecer em nossa fé em Cristo, em nossa fé em Deus e na Igreja”, disse, pedindo ainda a intercessão mariana pelas famílias e de modo especial pelas mulheres, para que, “protegidas por Maria, nunca sejam vítimas de violência, de exploração, de desprezo, de escravidão. Que Nossa Senhora olhe e proteja todas as mulheres”.

Por fim, antes da bênção final e da oração de consagração a Nossa Senhora Aparecida, Dom Odilo fez votos de que não haja briga entre os católicos por opiniões diferentes acerca de temas do cotidiano: “Na família que tem uma mãe tão bonita, tão importante como Nossa Senhora, não pode haver briga entre os irmãos. Na família de Jesus, todos são filhos de Maria, pois Ele no-la deu como Mãe. Somos irmãos em Cristo e Ele nos pede que nos queiramos bem, nos amemos fraternalmente e

saibamos nos respeitar, dialogar, sem violência, e, juntos, nos esforcemos para realizar projetos na sociedade para construir um Brasil que seja bom para todos, especialmente para os que mais precisam da atenção das autoridades”.

A missa presidida por Dom Odilo foi transmitida pelas mídias sociais da Arquidiocese e pela rádio **9 de Julho**, que realizou ações especiais no Santuário Arquidiocesano. Em entrevista à emissora, o Padre Zacarias, Pároco e Reitor, destacou ser aquele “um dia de muita efervescência da fé, em que as pessoas vêm ao Santuário renovar a devoção à Virgem Maria, abastecer-se da Palavra e encontrar-se com os irmãos”.

Para conhecer detalhes sobre as atividades do Santuário Arquidiocesano de Nossa Senhora Aparecida, acesse o Instagram [@santuariopiranga](https://www.instagram.com/santuariopiranga).

O SÃO PAULO

www.osaopaulo.org.br

No site do jornal **O SÃO PAULO**, você acessa conteúdos atualizados sobre a Igreja e a sociedade em São Paulo, no Brasil e no mundo. A seguir, algumas notícias e artigos publicados recentemente.

Papa: a pena de morte é inadmissível, um atentado à dignidade da pessoa
<https://curt.link/aXyqb>

Vila cristã é atacada na Síria
<https://curt.link/MFgJZ>

OMS apresenta guia para enfrentar o aumento da obesidade em crianças e jovens
<https://curt.link/PZbvl>

Anec e CNBB lançam roteiro de celebração e bênção para o Dia do Educador 2026
<https://curt.link/ghGLZ>

Cumulada de graça, Maria foi redimida da mancha do pecado desde sua concepção
<https://curt.link/CdGlp>



Use o QRCode para
acessar o Caderno
Fé e Cidadania
na internet, com
mais artigos e links
citados.

Magnifica humanitas, o Estado e a gestão da inteligência artificial

Logo no início, [Magnifica humanitas](#) apresenta uma imagem poderosa: a humanidade encontra-se diante de uma escolha entre construir uma nova “Torre de Babel” ou edificar uma cidade na qual Deus e a humanidade possam habitar juntos. A metáfora é atual porque coloca em discussão não apenas aquilo que somos capazes de construir, mas o mundo que estamos escolhendo construir. Essa distinção é essencial. A pergunta sobre a IA não deveria ser apenas “o que ela pode fazer?”. Deveríamos perguntar também: “Qual sociedade estamos construindo com aquilo que ela pode fazer?”

Arte: Sergio Ricciuti Conte



Rodrigo Gastalho
Moreira*

[Magnifica humanitas](#) não é um documento técnico sobre inteligência artificial (IA). Sua preocupação é mais profunda: trata daquilo que está por trás da tecnologia — a visão de ser humano, de sociedade e de futuro que orienta seu desenvolvimento e sua utilização.

A encíclica identifica um dos maiores riscos contemporâneos no chamado “paradigma tecnocrático”: a tendência de permitir que a lógica da eficiência, do domínio, do desempenho e do controle passe a determinar o que é importante na vida social.

O problema não é a eficiência em si. O problema aparece quando a eficiência deixa de ser um instrumento e se transforma em critério absoluto. Uma administração pública eficiente é desejável. Uma administração pública eficiente que viola direitos, porém, não é uma boa administração.

Uma tecnologia precisa ser rápida, mas não pode ser rápida a ponto de impedir o cidadão de ser ouvido. Um sistema pode reduzir custos, mas não pode reduzir a pessoa a um custo. Um

algoritmo pode classificar informações, mas não pode classificar a dignidade humana.

A encíclica oferece, portanto, um critério simples e profundo: o desenvolvimento tecnológico precisa estar subordinado ao desenvolvimento humano integral.

Essa talvez seja uma das maiores questões da atualidade. Durante muito tempo, a humanidade associou progresso a aumento de poder técnico. Quanto mais conseguimos produzir, calcular, transportar, comunicar e controlar, mais avançada seria nossa sociedade.

A IA coloca essa equação diante de um novo desafio.

Podemos construir sistemas cada vez mais poderosos. Entretanto, poder não é sinônimo de sabedoria. Podemos processar mais informações, mas isso não significa necessariamente compreender melhor a realidade. Podemos tomar decisões mais rapidamente, mas velocidade não é sinônimo de justiça. A IA pode superar a inteligência humana em velocidade e capacidade de processamento em determinadas tarefas, mas não possui experiência vivida, consciência moral, liberdade, responsabilidade ou capacidade de compreender

plenamente o significado humano de suas decisões. Essa distinção é decisiva para as políticas públicas.

Uma máquina pode identificar que determinado cidadão apresenta características estatísticas semelhantes às de um grupo com maior risco, mas não conhece integralmente sua história. Pode detectar uma inconsistência cadastral, mas não conhece a realidade daquela família. Pode sugerir uma prioridade médica, mas não experimenta a dor do paciente nem assume a responsabilidade moral pelo destino de uma pessoa.

É por isso que a decisão humana não pode desaparecer justamente nos pontos em que as consequências são mais graves. A *Magnifica humanitas* insiste na necessidade de responsabilidade, transparência e gestão adequada da inteligência artificial, sobretudo quando seus sistemas interferem em direitos e oportunidades.

Existe também uma dimensão econômica. A IA tende a concentrar poder em quem controla infraestrutura, dados e conhecimento especializado. A *Magnifica humanitas* alerta para o risco de concentração do poder digital e para a possibilidade de novas formas de dependência, exclusão e desigualdade.

Esse problema precisa ser levado a sério no Brasil. Se os países, empresas e instituições que controlam as tecnologias mais avançadas acumularem também o controle sobre grandes volumes de dados e sobre os mecanismos de decisão, poderemos assistir ao surgimento de uma nova forma de desigualdade: não apenas entre quem possui ou não recursos financeiros, mas entre quem possui capacidade de produzir, controlar e compreender tecnologia e quem apenas sofre seus efeitos.

Isso vale também dentro do próprio Estado. Uma pequena parcela de especialistas pode acabar concentrando conhecimento suficiente para compreender sistemas que a maioria dos gestores, advogados e cidadãos não consegue sequer auditar.

É preciso evitar uma nova “elite algorítmica”, cujo conhecimento técnico seja tão concentrado que se transforme em poder sem controle. A resposta passa por capacitação, transparência, governança pública, participação social e fortalecimento das instituições.

*Advogado, com pós-graduação em Gestão Empresarial pela Universidade Cândido Mendes; formação em Ciências Religiosas pelo Instituto Superior de Ciências Religiosas do Rio de Janeiro; mestrado em Teologia Aplicada pela Universidade de Oxford, Reino Unido; e MBA em Política e Estratégia pela Escola Superior de Guerra

Eficiência sem justiça? Os riscos da inteligência artificial nas políticas públicas

Porque o Estado não administra números, mas administra vidas, a inteligência artificial deve ser usada pelo Estado sem se tornar um álibi institucional

Rodrigo Gastalho
Moreira*

A inteligência artificial (IA) deixou de ser uma promessa distante e passou a ocupar espaços concretos da vida pública. Sistemas automatizados já são utilizados para selecionar beneficiários, organizar filas, apoiar diagnósticos e orientar decisões administrativas.

Em outras palavras, algoritmos começam a participar de decisões que afetam diretamente direitos. E quando uma tecnologia passa a influenciar quem recebe um benefício, quem tem acesso prioritário a um serviço de saúde, quem permanece em determinado programa social ou quem é considerado elegível para uma política pública, não estamos mais diante de uma simples inovação tecnológica. Estamos diante de uma questão de Estado.

A IA pode produzir ganhos extraordinários de eficiência. Sistemas automatizados conseguem processar milhões de informações em poucos segundos, identificar correlações que escapariam à análise humana e apoiar decisões em ambientes nos quais os recursos são limitados. Em um país de dimensões continentais como o Brasil, marcado por profundas desigualdades sociais e por uma enorme demanda por serviços públicos, seria irresponsável ignorar esse potencial.

Existe, porém, uma pergunta que precisa preceder todas as demais: eficiência para quem – e a que custo?

Uma política pública não é legítima apenas porque é rápida, barata ou estatisticamente eficiente. O Estado não administra números; administra vidas. E, quando os números representam pessoas concretas, a eficiência precisa encontrar um limite na justiça.

É justamente nesse ponto que a discussão sobre inteligência artificial deixa de ser exclusivamente tecnológica e passa a ser jurídica, política, institucional e ética.

O RISCO DA DECISÃO INVISÍVEL

O cidadão está acostumado a lidar com decisões administrativas tomadas por pessoas. Pode discordar de um servidor, de um médico ou de uma autoridade pública. Pode pedir explicações, apresentar documentos e, em certos casos, recorrer ao Judiciário. Entretanto, o que acontece quando a decisão é apresentada como resultado de um algoritmo?

A dificuldade começa pela própria opacidade. Muitos sistemas utilizam modelos complexos, grandes bases

de dados e critérios que não são facilmente compreensíveis para quem sofre suas consequências. O cidadão pode receber uma mensagem informando que não atende aos requisitos de determinado benefício e que perdeu prioridade. Mas, frequentemente, a explicação não revela de maneira suficiente quais dados foram utilizados, quais critérios foram aplicados ou como seria possível contestar o resultado. Cria-se uma espécie de “decisão invisível”.

O problema não está no fato de uma máquina participar do processo, mas surge quando a presença da tecnologia transforma a decisão pública em algo que o próprio cidadão não consegue compreender, questionar ou corrigir. No Estado democrático de direito, decisões que interferem em direitos não podem se transformar em caixas-pretas.

A motivação dos atos administrativos, o contraditório, a ampla defesa, o devido processo legal, a igualdade e a dignidade da pessoa humana não perdem importância quando entra em cena uma tecnologia sofisticada. Ao contrário: tornam-se ainda mais necessários. A modernização administrativa não pode significar a desumanização administrativa.

QUANDO O ERRO DEIXA DE SER INDIVIDUAL

Há ainda outro problema. Um erro cometido por um agente público pode atingir uma pessoa. Um erro incorporado a um sistema automatizado pode atingir milhares ou milhões. Se um banco de dados contém informa-

ções incompletas, se determinados grupos sociais estão sub-representados, se os critérios de classificação foram mal definidos para treinar um sistema, a IA pode reproduzir esse problema de forma muito mais rápida e abrangente do que qualquer processo exclusivamente humano.

O algoritmo não precisa ser “mal-intencionado” para produzir injustiça. Basta que os dados estejam contaminados por desigualdades preexistentes ou que os critérios utilizados para a decisão sejam inadequados.

Sistemas de IA não possuem consciência nem responsabilidade moral ou capacidade de experimentar sofrimento. Eles processam dados e produzem resultados segundo parâmetros e objetivos definidos por seres humanos. Por isso, a responsabilidade continua sendo humana.

Quando um algoritmo produz uma decisão injusta, a pergunta correta não é: “Por que a máquina errou?” É: “quem decidiu utilizar esse sistema, com quais dados, quais critérios, quais controles e quais mecanismos de revisão?” A resposta é necessariamente institucional.

PREVIDÊNCIA, SAÚDE E ASSISTÊNCIA SOCIAL

No Brasil, essa discussão ganha especial relevância nas políticas de proteção social. Na Previdência, sistemas automatizados podem acelerar a análise de requerimentos, identificar inconsistências e reduzir o tempo de espera. Isso é desejável. O problema aparece quando a automação passa de instrumento de apoio

para substituto praticamente incontestável da análise humana.

Na saúde pública, ferramentas algorítmicas podem auxiliar na gestão de filas, na identificação de riscos, na distribuição de recursos e na definição de prioridades clínicas. Mas uma fila de atendimento não é apenas uma sequência matemática. Por trás de cada posição existe uma pessoa que sente dor, ansiedade, medo e esperança. Uma ferramenta não pode, sozinha, assumir a responsabilidade moral pela decisão.

O mesmo vale para programas de transferência de renda e outras políticas sociais. O cruzamento de grandes bases de dados pode identificar inconsistências e combater fraudes, mas também pode excluir famílias vulneráveis em razão de informações desatualizadas, divergências cadastrais ou situações atípicas que o sistema não foi capaz de interpretar corretamente.

Quanto mais vulnerável é o cidadão, maior deveria ser a proteção institucional oferecida contra um erro automatizado. É uma inversão perigosa quando justamente aqueles que possuem menos recursos para recorrer contra uma decisão passam a depender de sistemas cuja lógica não conseguem compreender.

A APARÊNCIA DE OBJETIVIDADE

Existe ainda um aspecto psicológico e político que merece atenção: a tendência de atribuir à máquina uma objetividade que ela não necessariamente possui.

Um resultado produzido por um computador frequentemente parece mais neutro do que uma decisão humana, mas um algoritmo não nasce neutro: alguém escolheu os dados, definiu os objetivos e estabeleceu os parâmetros. Por trás de toda tecnologia existe uma arquitetura de escolhas humanas. É por isso que a ideia de que “o algoritmo decidiu” pode ser uma perigosa forma de transferência de responsabilidade.

Se uma decisão pública prejudica um cidadão, o Estado não pode responder simplesmente que “foi o sistema”. A responsabilidade administrativa não desaparece porque a decisão passou por uma ferramenta digital. Ao contrário: quanto maior o poder de uma tecnologia, maior deve ser a responsabilidade de quem a utiliza.

*Advogado, com pós-graduação em Gestão Empresarial pela Universidade Candido Mendes; formação em Ciências Religiosas pelo Instituto Superior de Ciências Religiosas do Rio de Janeiro; mestrado em Teologia Aplicada pela Universidade de Oxford, Reino Unido; e MBA em Política e Estratégia pela Escola Superior de Guerra.
** Este texto se baseia em palestra proferida pelo autor no Simpósio “Políticas Públicas de Uso de Inteligência Artificial para a Promoção de Fins Sociais”, em 9 de março de 2026, promovido pela Comissão de Inteligência Artificial e a Comissão de LGPD da OAB-RJ, junto com a Uniapac/ADCE Rio



Imagem gerada por IA (Copilot)

Estado, IA e bem comum: quem dita o ritmo da tecnologia?

Comprar é rápido, legislar é lento e ninguém pergunta à sociedade do que ela realmente precisa.

Francisco Borba
Ribeiro Neto*

Imagem gerada por IA (Copilot)

O termo “inteligência artificial” (IA) é um guarda-chuva amplo, que inclui tanto sistemas de classificação e predição – que selecionam currículos, avaliam crédito, leem exames de imagem e estão em uso há mais de uma década – quanto a “IA generativa”, que parece revolucionar nossas sociedades ao produzir textos, imagens, áudios ou códigos a partir de um comando em linguagem natural. O uso, pelo Estado, de uma ou de outra, implica riscos diferentes e nenhuma delas é isenta deles. Quando uma IA apenas seleciona beneficiários para um programa social, aplica os critérios – justos ou preconceituosos – de quem a programou e dos dados com que foi treinada. Quando outra, generativa, produz uma peça jurídica ou um projeto de política pública, pode estar “criando”, a partir de lógica interna, um discernimento que escapa aos princípios de justiça, equidade e solidariedade que deveriam orientar o operador humano.

Produzir IA, geri-la e usá-la são capacidades distintas – e, para a maioria dos países, inclusive o Brasil, o quanto essa tecnologia de fato contribuirá para o desenvolvimento econômico e para a busca do bem comum dependerá de como governos, empresas de tecnologia e sociedade souberem interagir para regulá-la e usá-la com sabedoria.

A pressa de comprar e o vácuo da fiscalização. Nessa interação, o Estado tem sido um parceiro ágil – e complacente – das empresas de tecnologia. Nos Estados Unidos, a agência federal de compras negociou acesso de milhões de servidores públicos a assistentes de IA generativa (ChatGPT, Claude, Gemini, Grok) por valores simbólicos; as próprias empresas subsidiaram a entrada, com US\$ 1,5 bilhão em economia declarada. Em Singapura, 80% dos 150 mil funcionários públicos já usam o assistente generativo do governo. Nenhum dos dois países avaliou, antes da adoção em massa, os riscos específicos da IA generativa – alucinação, viés, dependência de fornecedor.

No Brasil, o Judiciário identificou 178 iniciativas de IA, das quais quase metade já usa a fatia generativa; mas 57,6% dos profissionais acessam por contas pessoais, fora de controle institucional: o Estado comprou a tecnologia sem antes desenhar a governança para usá-la. Segundo a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), 35 dos 36 países-membros já usam algum tipo de

IA em serviço público, mas só 39% avaliam risco antes de implantar um sistema e apenas 17% mantêm registro público de algoritmos. As cifras bilionárias para infraestrutura seguem a mesma lógica de pressa, aparentemente mirando mais uma aparência do que uma realidade concreta.

A lógica política e seus percalços. Vender um assistente generativo como “modernização” administrativa é mais simples – e mais rentável em escala – do que vender um sistema de checagem independente para saber se está havendo discriminação sem que ninguém perceba. Mas os governos também têm motivos para preferir comprar a legislar. Um contrato de aquisição se negocia em meses e entrega algo tangível ao eleitor – um assistente que atende o cidadão, um tribunal mais rápido – sem depender de maioria parlamentar; legislar é lento, gera adversários poderosos e raramente rende dividendo eleitoral visível.

Soma-se a isso a competição internacional: anunciar somas bilionárias funciona como sinal de liderança tecnológica, mesmo quando a execução real fica muito aquém do anunciado – a InvestAI, da União Europeia, promete 200 bilhões de euros para o desenvolvimento do parque tecnológico europeu, combinando programas já existentes, investimentos privados e recursos que dependem de orçamen-

tos que ainda nem foram aprovados. É essa combinação de incentivo comercial e político – vender modernização, mostrar resultado rápido, sinalizar liderança na corrida global – que explica por que tanto a compra de assistentes de IA generativa quanto os grandes anúncios de infraestrutura avançam bem mais depressa do que as regras para os supervisionar.

Os descompassos da regulação. A China, apesar de ter um Estado centralizador e controlador, não tem lei geral sobre IA, mas foi a primeira entre os grandes reguladores a mirar diretamente a fatia generativa: quem quiser oferecer um serviço desse tipo precisa se registrar no governo, e todo conteúdo gerado por IA tem de vir identificado como tal, para que o usuário saiba que não foi feito por uma pessoa – resposta a um risco concreto, o de ser enganado por algo que parece real e não é. Ainda na China, em abril de 2026, um tribunal de Hangzhou decidiu que substituir um funcionário por IA não é, por si só, motivo legal para demiti-lo ou rebaixar seu salário – a empresa precisaria antes tentar realocá-lo ou treiná-lo, e acabou condenada a indenizá-lo. Não é garantia de emprego, mas cria um ônus para quem usar a IA como justificativa de corte de custos – exatamente o tipo de proteção que o Brasil deixou pelo caminho.

A União Europeia foi na direção oposta: tentou regular a categoria ampla de uma vez, com quatro níveis de risco, mas adiou por 16 meses as regras mais pesadas, as de emprego, crédito, educação e justiça, agora previstas para dezembro de 2027. Os Estados Unidos recuaram de vez: revogaram as diretrizes da administração anterior e o governo federal processa estados que tentam legislar por conta própria, como o Colorado, cuja lei contra discriminação algorítmica teve a aplicação suspensa. No Brasil, o projeto de marco regulatório foi aprovado pelo Senado em 2024 e está parado na Câmara desde então – mas já chegou parado sem a proibição de demissões em massa por automação, retirada do texto ainda durante a tramitação no Senado.

O que sobra para a sociedade. É a sociedade quem menos participa da negociação e mais absorve seus efeitos. Números como “40% dos empregos ameaçados pela IA” – de análises do FMI sobre exposição à IA, não sobre desemprego efetivo – medem tarefas automatizáveis em tese, não perda líquida de vagas; estudos com dados reais de emprego encontram efeito próximo de zero sobre o total de ocupações. Mas há um sinal que não desaparece: pesquisadores de Stanford, usando folhas de pagamento de milhões de trabalhadores nos Estados Unidos, documentaram que o emprego de jovens de 22 a 25 anos em ocupações muito expostas à IA generativa está cerca de 19% abaixo do esperado – diferença que cresce desde meados de 2025. Não são demissões em massa, mas uma desaceleração nas contratações de pessoas de nível júnior: a tecnologia permite que seniores façam sozinhos o que antes exigia contratar alguém mais novo.

Quem deveria dar o ritmo. Hoje, o desenvolvimento da IA acontece em uma interação assimétrica: empresas ditam o ritmo da oferta, Estados compram depressa e regulam devagar, e a sociedade, que deveria arbitrar entre os dois, é ouvida por último. O Brasil ilustra bem esse desequilíbrio: comprador público relativamente ativo – Judiciário digitalizado, supercomputador ampliado, novo regime tributário para *data centers* – e legislador paralisado, sem que trabalhadores, pesquisadores ou usuários dos serviços públicos tenham tido peso proporcional nessa equação. Contribuir para o desenvolvimento econômico e para o bem comum não é propriedade automática da tecnologia: é o resultado de como a interação entre esses três atores evoluirá.

*Sociólogo e biólogo, editor dos Cadernos Fé e Cultura e Fé e Cidadania do jornal O SÃO PAULO



7 diretrizes e atitudes para o uso ético da IA nas políticas públicas

O uso da inteligência artificial (IA) na gestão pública será legítimo se ajudar a ampliar direitos, preservar o controle humano e colocar a dignidade de cada pessoa acima da eficiência dos algoritmos.

Rodrigo Gastalho
Moreira*

Imagem gerada por IA (Copilot)

O princípio da supervisão humana. Uma das consequências mais importantes do debate sobre o uso da IA na gestão das políticas públicas é a necessidade de preservar o controle humano sobre decisões de alta relevância. Isso não significa que um servidor precise revisar manualmente cada cálculo realizado por uma máquina. Seria inviável.

Significa, porém, que deve existir uma estrutura institucional capaz de compreender o funcionamento do sistema, monitorar seus resultados, identificar erros e intervir quando necessário.

Uma recomendação automatizada para organizar documentos não pode ser tratada da mesma maneira que uma decisão capaz de negar um benefício essencial à sobrevivência de uma família. É preciso, portanto, estabelecer diferentes níveis de risco e diferentes níveis de controle.

A pergunta não deve ser apenas se determinada IA é tecnicamente segura. É preciso perguntar se o grau de autonomia concedido ao sistema é proporcional à importância do direito afetado.

O direito de saber e o direito de contestar. Nesse cenário, dois direitos ganham importância especial: o direito à explicação e o direito à contestação. A Administração Pública não pode dizer ao cidadão: “O computador determinou”. Essa resposta seria incompatível com a própria lógica do Estado democrático de direito. O cidadão tem direito a uma decisão estatal motivada — ainda que a tecnologia tenha participado de sua construção.

Subsidiariedade, participação e controle social. A Doutrina Social da Igreja acrescenta outro elemento importante: o princípio da subsidiariedade. Ele nos lembra de que decisões que afetam diretamente as pessoas não devem ser retiradas completamente das comunidades para serem concentradas em estruturas cada vez mais distantes.

Aplicado à era digital, esse princípio sugere que os cidadãos, profissionais, entidades da sociedade civil e instituições representativas precisam participar do debate sobre sistemas que interferem em suas vidas. Não basta desenvolver a tecnologia em um laboratório e depois simplesmente apresentá-la à sociedade como inevitável. É necessário construir mecanismos de participação para legitimação.

A dignidade não cabe em uma planilha. Existe uma tentação crescen-



te de transformar tudo em dados. O cidadão vira um cadastro. O paciente vira um prontuário eletrônico. O trabalhador vira um indicador de produtividade. O estudante vira uma probabilidade de desempenho. A família vulnerável vira um conjunto de variáveis socioeconômicas.

Os dados são importantes. Mas a pessoa não se resume aos dados que conseguimos coletar sobre ela. Essa talvez seja a principal fronteira ética da IA.

Quanto mais conseguimos quantificar a realidade, maior é a tentação de acreditar que aquilo que não pode ser medido não existe. Mas a dignidade, a liberdade, a esperança, a solidariedade, a capacidade de recomeçar e a singularidade de cada trajetória humana não podem ser reduzidas a indicadores.

Uma sociedade verdadeiramente avançada é aquela que utiliza dados sem permitir que eles definam integralmente o valor de uma pessoa.

A pergunta que deveria orientar a inovação. A *Magnífica humanitas* propõe, em última instância, uma pergunta que deveria ser colocada no centro das políticas de IA: a tecnologia torna a vida humana mais humana e mais digna?

Essa é uma pergunta muito mais exigente do que perguntar se determinado sistema é eficiente. Porque uma tecnologia pode ser eficiente e injusta, e ao mesmo tempo precisa e discriminatória, pode ser rápida e arbitrária. Pode ser sofisticada e, ao mesmo tempo, incapaz de compreender aquilo que realmente importa.

Inteligência artificial a serviço do bem comum. Seria um erro, contudo, transformar esse debate em uma rejeição da tecnologia. A IA pode representar uma oportunidade extraordinária para o Brasil. Pode melhorar a gestão pública, reduzir desperdícios, combater fraudes, ampliar o acesso a serviços, apoiar políticas de saúde, aperfeiçoar a educação, prever demandas, melhorar a mobilidade urbana e tornar a Administração Pública mais responsiva.

Pode ajudar o Estado a identificar pessoas que hoje permanecem invisíveis às políticas públicas. A questão não é escolher entre tecnologia e humanidade. É escolher uma tecnologia orientada pela humanidade.

Nesse sentido, a *Magnífica humanitas* não apresenta uma visão tecnofóbica. Ao contrário, reconhece que ciência e técnica podem aliviar sofrimentos e abrir novas possibilidades. O que ela rejeita é a ideia de que todo avanço tecnológico seja automaticamente um avanço humano.

Advogados, magistrados, gestores públicos, engenheiros, cientistas de dados, especialistas em ética e representantes da sociedade civil precisam conversar mais. O desafio é multidisciplinar. Nenhum jurista, sozinho, compreenderá todos os aspectos técnicos de uma IA. Da mesma maneira, nenhum engenheiro deveria decidir sozinho quais são os limites éticos de uma tecnologia que afetará milhões de pessoas.

Talvez a maior ilusão da era da IA seja imaginar que o futuro será decidido pelas máquinas. Não será. O futuro continuará sendo decidido pelas pes-

soas que desenvolvem as tecnologias, pelas instituições que as adotam, pelos governos que as regulamentam e pelas sociedades que aceitam — ou não — seus resultados.

A IA não possui projeto político próprio. Ela será incorporada aos projetos políticos, econômicos e sociais daqueles que tiverem poder para utilizá-la. Por isso, a discussão sobre IA é, no fundo, uma discussão sobre poder. Quem controla os dados? A tecnologia não pode chegar primeiro e a ética depois.

Uma nova cultura de responsabilidade. O desafio que temos diante de nós exige uma mudança de cultura. Precisamos abandonar a ingenuidade (que toda inovação é necessariamente boa), e o medo que paralisa (que toda tecnologia representa uma ameaça). O caminho está no discernimento. É preciso confiar na ciência, sem transformar a ciência em uma nova forma de autoridade incontestável. É preciso utilizar algoritmos, sem transformar o algoritmo em autoridade moral.

No fundo, a questão central permanece: a IA será um instrumento de ampliação de direitos ou de sua restrição silenciosa? Não haverá política pública legítima baseada em IA sem governança ética, segurança jurídica, controle democrático e compromisso efetivo com a dignidade de cada pessoa.

* Advogado, com pós-graduação em Gestão Empresarial pela Universidade Cândido Mendes; formação em Ciências Religiosas pelo Instituto Superior de Ciências Religiosas do Rio de Janeiro; mestrado em Teologia Aplicada pela Universidade de Oxford, Reino Unido; e MBA em Política e Estratégia pela Escola Superior de Guerra

Arquidiocese estimula ações de evangelização no 100º Dia Mundial das Missões

DANIEL GOMES
osaopaulo@uol.com.br

Com o tema “Um em Cristo, unidos na missão”, será celebrado no domingo, 18, o 100º Dia Mundial das Missões, instituído pelo Papa Pio XI, em 1926. Na mensagem que escreveu para este centenário, publicada em janeiro deste ano, o Papa Leão XIV exorta toda a Igreja a “prosseguir o caminho missionário com alegria e zelo no Espírito Santo, o que requer corações unificados em Cristo, comunidades reconciliadas e, em todos, disponibilidade para colaborar com generosidade e confiança”.

Leão XIV também pede que todos se unam na missão evangelizadora por meio do testemunho da vida em Cristo, da oração e da contribuição para as missões, “cada um segundo a própria vocação e dons recebidos”, a fim de “levar o Evangelho do amor de Deus a todos, especialmente aos mais pobres e necessitados”.

Animada por este chamado, a Arquidiocese de São Paulo estimula que as paróquias promovam ações evangelizadoras ao longo deste mês, especialmente no fim de semana em que se celebrará o 100º Dia Mundial das Missões.

A realização dessa atividade foi um pedido do Cardeal Odilo Pedro Scherer, Arcebispo de São Paulo, aos coordenadores e aos responsáveis das associações de fiéis, movimentos, novas comunidades e outros movimentos de leis da Arquidiocese.

EM MISSÃO PELA CIDADE

Em entrevista ao **O SÃO PAULO**, Luiz Pierre, do movimento dos Focolares e um dos representantes dos movimentos, associações e novas comunidades, sublinhou que Dom Odilo sempre tem recordado a necessidade de uma “conversão missionária de toda a Igreja”, na qual se coloque Cristo “no centro da vida e da ação eclesial, envolvendo crianças, adolescentes, jovens e adultos, assim como comunidades, movimentos e religiosos”.

ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO

CAMPANHA MISSIONÁRIA 2026

100º DIA MUNDIAL DAS MISSÕES

UM EM CRISTO, UNIDOS NA MISSÃO

Para que o mundo creia de 17-21

MISSA DE ENVIO MISSIONÁRIO

Com os movimentos, novas comunidades e associações de fiéis

16 DE OUTUBRO ÀS 20H

BASILICA DE SANT'ANA

Rua Voluntários da Pátria, 2060 - Santana

PRESIDIDA PELO CARDEAL ODILIO PEDRO SCHERER

ARCEBISPO DE SÃO PAULO

REGISTRE OS EVENTOS MISSIONÁRIOS USANDO A #MISSÃOARQISP

POM

Na sexta-feira, 16, às 20h, na Basílica Menor de Sant'Ana, o Arcebispo Metropolitano celebrará a missa de envio à missão dos membros de todos os movimentos, novas comunidades e associações.

Luiz Pierre enfatiza que este chamado não se restringirá ao fim de semana do Dia Mundial das Missões: “Essas atividades farão lembrar que o espírito missionário deve ser nossa identidade de cristão e que o nosso dia a dia deve focar o amor ao próximo como testemunho de que Deus habita esta cidade de São Paulo”.

Segundo Luiz Pierre, alguns grupos já anunciaram que farão atividades específicas para o fim de semana do Dia Mundial das Missões: “Os Missionários da Redenção, por exemplo, mobilizam discípulos para um encontro fraterno de evangelização e uma saída porta a porta na Região Belém. No dia 17, a ação será voltada para as 150 famílias em situação de vulnerabilidade social, atendidas nos projetos caritativos Solicitude e Redenção Kids, moradoras de uma área periférica da Paróquia Jesus Ressuscitado, na zona Leste. Durante as visitas, além de le-

var a Palavra de Deus com a doação de Bíblias, o grupo fará a entrega de mantimentos para apoiar as necessidades básicas dos assistidos”.

TODOS CHAMADOS À MISSÃO

Em mensagem de vídeo por ocasião do 100º Dia Mundial das Missões, o Papa Leão XIV recordou que Pio XI, ao instituir esta comemoração anual, “desejava que tal celebração promovesse, em cada diocese e paróquia, uma compreensão mais profunda da importância da ação missionária, uma oração fervorosa pela obra de evangelização, um incentivo à vocação missionária e um apoio ao trabalho das Pontifícias Obras Missionárias”.

Leão XIV lembrou, ainda, que “como uma única família, Nosso Senhor chama-nos a cooperar, com a ajuda do Espírito Santo, a fim de levar cada pessoa, em todo lugar, a uma comunhão de fé em Cristo”.

Na avaliação de Luiz Pierre, é fundamental que cada vez mais os católicos entendam que o missionário “não é somente aquela pessoa que vai em missão em locais distantes, mas também é missão a vivência cristã de cada batizado no cotidiano, no contato com quem encontra no trabalho, na comunidade e na própria família. Faz parte da identidade do cristão”.

“Que todos sejam um, unidos no Pai e no Filho, para que o mundo creia que o Pai O enviou. Esse trecho do Evangelho segundo São João é muito importante para compreender a missão, pois a unidade dos discípulos está ligada ao testemunho diante do mundo. Esta é a essência do tema escolhido pelo Papa Leão XIV: ‘Um em Cristo, unidos na missão’”, conclui Luiz Pierre.

COLETA MISSIONÁRIA

Nos dias 17 e 18 também será realizada em todas as paróquias e comunidades a Coleta Missionária, cujo valor arrecadado permitirá a ajuda a mais de 1,1 mil dioceses em todo o mundo. Outros detalhes podem ser consultados em <https://cm.pom.org.br>.

ASSUNÇÃO
CENTRO UNIVERSITÁRIO

INSCREVA-SE JÁ!

Aulas das 19h às 21h50, on-line ao vivo às sextas

Transforme o seu futuro no ASSUNÇÃO! Escolha estudar em um Centro Universitário com nota MÁXIMA no MEC, tradição em ensino de qualidade e compromisso com a sua formação. Aqui, você conquista sua Graduação com 50% de desconto* e tem acesso a cursos de Pós-Graduação com condições e descontos especiais e oportunidades únicas para crescer profissionalmente.

*Desconto exclusivo para ingressantes via Projeto “Vamos Sonhar Juntos”

Rua Afonso Celso, 711 (Metrô Santa Cruz) - Vila Mariana
www.unifai.edu.br

WhatsApp

(11) 5087-0187

SÉ

Ritual de Iniciação Cristã de Adultos é tema de formação regional

SECRETARIADO DE
COMUNICAÇÃO REGIONAL

Nos dias 5 e 6, a Equipe Regional de Liturgia promoveu a formação “As celebrações do Rica: conhecer para bem celebrar”, na Paróquia São Luís Gonzaga, Decanato São Tiago de Alfeu. Participaram 70 pessoas, entre as quais ministros extraordinários da Sagrada Comunhão, agentes da Pastoral Litúrgica, catequistas, religiosos e leigos.

A formação foi conduzida pelo Padre Thiago Faccini Paro, doutor em Teologia Litúrgica e Administrador Paroquial da Paróquia Imaculado Coração



Ruy Halasz

de Maria, na Região Belém. A proposta foi aprofundar a compreensão do Ritual de Iniciação Cristã de Adultos (Rica), instrumento fundamental para articular a catequese e a liturgia no itinerário de iniciação à fé cristã.

Durante o encontro, foram abordados os fundamentos históricos e teológicos do catecumenato da Igreja primitiva. Também foi destacada a importância dos ritos e símbolos na liturgia.

Dom Rogério Augusto das Neves, Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Sé, recordou o legado do Cônego Helmo Faccioli, recentemente falecido, que durante longos anos foi o responsável pela equipe litúrgica regional.



Pascom paroquial

De 28 de setembro a 7 de outubro, foi celebrada a novena em honra à padroeira da **Paróquia Nossa Senhora do Rosário de Pompeia**, Decanato São João Evangelista, com o tema “Ave, cheia de graça, o Senhor é contigo” (Lc 1,28). Ao longo dos dias, missas foram presididas principalmente por sacerdotes da comunidade camiliana presente na Paróquia. Na Solenidade de Nossa Senhora do Rosário de Pompeia, no dia 7, a programação contou com a Súplica aos pés da imagem de Nossa Senhora, seguida da celebração eucarística.

(por Secretariado de Comunicação Regional)



Mateus Araújo

Entre os dias 4 e 7, na **Paróquia São Domingos**, Decanato São João Evangelista, foram celebrados o Tríduo e a Festa de Nossa Senhora do Rosário, com o tema “O Santo Rosário, corrente de oração que une os povos”. A programação reuniu momentos de oração do Terço e celebrações eucarísticas. No primeiro dia, a récita do Terço teve a participação das crianças da Catequese. A devoção a Nossa Senhora do Rosário está profundamente ligada à espiritualidade da Ordem dos Pregadores, os dominicanos, que historicamente contribuíram para a difusão dessa forma de oração.

(por Secretariado de Comunicação Regional)

Em missas nos dias 1º e 8, na **Paróquia São José**, Decanato São Tomé, Dom Rogério Augusto das Neves conferiu o sacramento da Crisma a 202 pessoas, sendo 110 adultos e 92 jovens. Concelebrou o Padre Dom Oswaldo Paulino, O.Praem, Pároco. Nas homilias, o Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Sé destacou a importância da unção do Espírito Santo recebida neste Sacramento. Também afirmou que essa graça fortalece a fé e impulsiona os crismados a viverem sua vocação cristã com maior consciência e responsabilidade.

(por Elaine Elias)

IPIRANGA



Pascom paroquial

A **Paróquia Nossa Senhora Aparecida de Moema**, Decanato São Mateus, comemorou sua padroeira com cinco missas ao longo da segunda-feira, 12. Foi realizada também a tradicional procissão com a imagem da Padroeira do Brasil pelas ruas do bairro. A caminhada foi encerrada na praça em frente à igreja, com a missa campal, presidida por Dom Celso Alexandre e concelebrada pelos Padres Carlos Jobed Malaquias Saraiva, SDS, Pároco; Bruno Retore, SDS; e Marciel Osvaldo de Souza, SDS, religiosos salvatorianos.

(por Karen Eufrosino)

No domingo, 11, Dom Celso Alexandre presidiu a missa de encerramento da novena preparatória para a festividade da padroeira da **Paróquia Nossa Senhora Aparecida da Vila Arapuá**, Decanato Santo André. Foi concelebrante o Padre Jonathan Aparecido Lopes Gasques, Administrador Paroquial. Na homilia, o Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Ipiranga fez menção à promessa de Deus: um banquete de amor e misericórdia oferecido a todos os povos, do alto do monte, na casa do Senhor.

(por Karen Eufrosino)



Pascom paroquial



Varlindo Santos

Na segunda-feira, 12, no **Santuário Arquidiocesano de Nossa Senhora Aparecida**, Decanato São Marcos, Dom Celso Alexandre presidiu uma das missas da festa da padroeira. Concelebrou o Padre Zacarias José de Carvalho Paiva, Pároco e Reitor. Ao longo do dia, foram celebradas 10 missas em honra à Padroeira do Brasil, além da procissão pelas ruas do bairro do Ipiranga, que reuniu centenas de devotos de Nossa Senhora.

(por Karen Eufrosino)

BRASILÂNDIA

Na Vila Zatt, Dom Carlos Silva celebra o dia de Nossa Senhora Aparecida

PASCOM REGIONAL

Na segunda-feira, 12 de outubro, os fiéis da Paróquia Nossa Senhora Aparecida, na Vila Zatt, Decanato Santa Isabel e São Zacarias, celebraram a Solenidade de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, Padroeira do Brasil.

A Eucaristia foi presidida por Dom Carlos Silva, OFMCap. Ao acolher a imagem mariana, o Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Brasilândia recordou que ela foi encontrada nas águas do Rio Paraíba do Sul, em 1717, por três pescadores que inicialmente pescaram o corpo e depois a cabeça. “Tudo que é grande pra Deus começa pequeno”, destacou.



Pascom regional

A reflexão recordou a esperança que surgiu daquele encontro simples e que, ao longo dos séculos, se tornou uma das mais expressivas manifestações da devoção do povo brasileiro à Virgem Maria.

A entrada da imagem da Padroeira foi acompanhada por cânticos marianos e aclamações de louvor, marcando a abertura da celebração.

Com o tema “Com Maria, em comunidade, reconstruir nossa Casa”, a festa da padroeira trouxe uma reflexão sobre a importância da comunhão, da esperança e do fortalecimento dos vínculos comunitários, inspirados no exemplo de fé e confiança da Virgem Maria.

‘Com Maria em comunidade, conhecer e praticar a Palavra’

LUCAS SANT’ANA
COLABORAÇÃO ESPECIAL PARA A REGIÃO

Entre os dias 3 e 12, os fiéis da Paróquia Nossa Senhora Aparecida, na Vila Souza, reuniram-se para celebrar a 58ª novena e festa da padroeira. Neste ano, em sintonia com o Santuário Nacional de Aparecida, a comunidade refletiu sobre o tema “Com Maria em comunidade, conhecer e praticar a Palavra”.

Na Solenidade de Nossa Senhora Aparecida, na segunda-feira, 12, cerca de 4 mil fiéis participaram das quatro missas realizadas ao longo do dia, a última delas presidida por Dom Carlos Silva, OFMCap., concelebrada pelo Padre Rafael Noli, Pároco, e assistida pelo Diácono Edson Chagas.

Na homilia, o Bispo Auxiliar da



Pascom regional

Arquidiocese na Região Brasilândia sublinhou a presença de Maria na vida da comunidade e falou sobre a necessidade de testemunhar a fé por meio das atitudes cotidianas.

Ao concluir sua reflexão, Dom Carlos exortou os fiéis a perseverarem na caminhada de fé, para que a proteção e o exemplo de Nossa Senhora continuem a iluminar a comunidade. “Coragem para que o manto da Padroeira do Brasil continue guiando esta comunidade de fé por muitos e muitos anos”, concluiu.

Após a celebração, os fiéis participaram de uma procissão luminosa pelas ruas do bairro, manifestando publicamente a devoção a Nossa Senhora Aparecida. A programação foi encerrada com uma queima de fogos.



Nayara Oliveira Pereira

Nas festividades da padroeira da **Comunidade Nossa Senhora Aparecida**, da Paróquia Santa Rita de Cássia, Decanato Santa Isabel e São Zacarias, a missa do dia 7 foi presidida por Dom Carlos Silva, OFMCap., e concelebrada pelo Padre Juarez Dirceu Passos, Pároco. Na homilia, o Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Brasilândia destacou que “Maria nos apresenta sempre seu Filho, Jesus Cristo. Essa é a grande experiência de estar com Nossa Senhora”. Neste ano, a novena da padroeira teve como tema “Com fé vivemos o Reino de Deus apresentado por Jesus”, convidando os fiéis a aprofundar a fé e a reconhecer, nos ensinamentos de Cristo, o caminho para viver os valores do Reino de Deus no dia a dia.

(por Maria da Penha de Araújo)



Pascom regional

Na sexta-feira, 9, foi celebrado o primeiro dia do tríduo da padroeira da **Comunidade Nossa Senhora Aparecida**, da Paróquia Bom Pastor, Decanato São Filipe, com missa presidida por Dom Carlos Silva, OFMCap. Com o tema “Com Maria, somos um só coração e uma só alma” e o lema “Ele veio morar entre nós”, a celebração foi um convite aos fiéis para reconhecerem que, apesar das diferenças, todos são chamados a caminhar juntos, unidos em Deus.

(por Pascom paroquial)

Atos da Cúria

PRORROGAÇÃO DA NOMEAÇÃO E PROVISÃO DE VIGÁRIO PAROQUIAL

Em 12/10/2026, foi prorrogada a nomeação e provisão como **Vigário Paroquial da Paróquia Jesus Ressuscitado**, no bairro Jardim Santa Bárbara, Decanato Sant’Ana e São Joaquim, Região Episcopal Belém, do **Reverendíssimo Frei Cristiano Ze-**

ferino de Faria, OSA, pelo período de **01 (um) ano**.

POSSES DE OFÍCIO

Em 01/10/2026, foi dada a posse canônica como **Pároco da Paróquia Santa Teresinha do Menino Jesus**, no bairro Jaçanã, Decanato Santo Estêvão, Região Episcopal Sant’Ana, ao **Reverendíssimo Pa-**

dre Carlos Alberto Doutel.

Em 02/10/2026, foi dada a posse canônica como **Pároco da Paróquia Natividade, do Senhor**, bairro Jardim Fontális, Decanato São Matias, Região Episcopal Sant’Ana, ao **Reverendíssimo Padre Andrés Gustavo Marengo Macagnoni**.

EDITAL DE CONVOCAÇÃO

Pelo presente edital, fica convocado o (a) Sr. (a) Maria Eulália da Silva, com endereço desconhecido, para que compareça de terça a sexta-feira, das 13h às 16h, ao Tribunal Eclesiástico de São Paulo, sito na Av. Nazaré 993 – Ipiranga – São Paulo – SP, para tratar de assunto que lhe diz respeito.

São Paulo, 06 de outubro de 2026
Dom Rogério Augusto das Neves
Vigário Judicial

BELÉM

Dom Cícero: ‘Maria nos olha com um olhar de ternura e de cuidado’

FERNANDO ARTHUR
COLABORAÇÃO ESPECIAL PARA A REGIÃO

A Comunidade Nossa Senhora Aparecida, no Belenzinho, sob os cuidados pastorais da Missão Belém, comemorou, na segunda-feira, 12, a festa da padroeira, com momentos de louvor, oração e confraternização. A programação contou também com uma procissão pelas ruas da Favela Nelson Cruz, reunindo fiéis em uma manifestação pública de fé e devoção mariana.

O encerramento das festividades aconteceu com uma missa solene presidida por Dom Cícero Alves de França e concelebrada pelo Padre Paulo Gomes da Silva Júnior, responsável pela comunidade.

Na homilia, o Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Belém destacou Maria como aquela que conduz os fiéis a Jesus e intercede pelas necessidades de seu povo. Ao recordar o Evangelho das Bodas de



Missão Belém

Caná, quando Nossa Senhora percebeu que o vinho havia acabado, o Prelado ressaltou a sensibilidade materna de Maria diante das dificuldades humanas.

“Maria nos olha com um olhar de ternura e de cuidado”, afirmou, convidando todos a confiar à intercessão da Mãe de Deus aquilo que lhes falta, para que Jesus transforme suas vidas.

O Episcopo relacionou o achado da imagem de Nossa Senhora Aparecida no Rio Paraíba do Sul à ação libertadora de Deus. Segundo ele, assim como a imagem foi resgatada das águas, os cristãos são chamados a permitir que Deus os liberte de tudo aquilo que os escraviza.

Dom Cícero ressaltou que ninguém é anônimo diante de Deus e que a devoção mariana deve conduzir à conversão, à cura e à reconciliação. Ao recordar que o corpo e a cabeça da imagem foram encontrados separadamente, destacou o chamado à unidade, tanto na vida pessoal quanto nas famílias.



Pascom paroquial

No dia 5, foi celebrado o padroeiro da **Paróquia São Benedito das Vitórias**, Decanato São Lucas, com missa presidida por Dom Cícero Alves de França e concelebrada pelo Padre Pierre Rodrigues da Costa, Pároco. Na homilia, o Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Belém destacou São Benedito como homem da humildade e do despojamento, e exortou os fiéis a seguirem o exemplo do Santo. A celebração também foi ocasião para a bênção de uma nova imagem do padroeiro, que ficará na entrada do salão paroquial. **(por Pascom paroquial)**



Pascom paroquial

No dia 7, Dom Cícero Alves de França, Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Belém, presidiu missa na **Comunidade Nossa Senhora Aparecida**, pertencente à **Paróquia São Mateus Apóstolo**, Decanato Sant’Ana e São Joaquim, marcando a reabertura da Capela que estava fechada havia alguns anos. A comunidade, localizada na Favela da Divineia, recebeu dezenas de fiéis para a novena da padroeira. Concelebrou o Padre Felipe Batista da Silva, Pároco, com a assistência do Diácono Gilmar Freire. **(por Pascom paroquial)**



Pascom paroquial

Na segunda-feira, 12, Dom Cícero Alves de França presidiu missa na **Paróquia Nossa Senhora Aparecida e São Luciano**, Decanato Santa Maria Madalena, durante a qual 15 jovens e adultos receberam o sacramento da Confirmação. Concelebrou o Padre Cláudio de Oliveira, Pároco. **(por Pascom paroquial)**



Pascom paroquial

Na tarde do domingo, 11, Dom Cícero Alves de França presidiu missa na **Paróquia Santa Maria Madalena**, Decanato São Timóteo, durante a qual conferiu o sacramento da Confirmação a 61 jovens e adultos. Concelebraram os Padres Eivaldo Batista da Silva, Pároco, e José Antonio Cruz Nunes (Padre Neco), Vigário Paroquial, com a assistência dos Diáconos Bruno Redígolo e Sidinei Piotto. **(por Pascom paroquial)**



Débora Marchioni

Dom Cícero Alves de França presidiu, na tarde da segunda-feira, 12, a missa solene da festa da padroeira da **Comunidade Nossa Senhora Aparecida**, da **Paróquia Santa Adélia**, Decanato Sant’Ana e São Joaquim. Concelebrou o Padre Jônatas Mariotto, Pároco, com a assistência do Diácono Ricardo Donizeti. **(por Débora Marchioni)**



Guilherme Bomfim

Na segunda-feira, 12, a Padroeira do Brasil foi solenemente celebrada em outras três paróquias a ela dedicadas na Região Belém: Nossa Senhora Aparecida dos Ferrovários, Decanato Santa Maria e São José, em missa presidida pelo Padre Simone Bernardi, Vigário Paroquial; Nossa Senhora Aparecida, na Vila Carrão, tendo como presidente da Eucaristia o Padre Syllas Reschilianni, Pároco; e Nossa Senhora Aparecida, na Vila Nova York, Decanato Sant’Ana e São Joaquim, com uma missa presidida pelo Padre Paulo Eduardo Santos, MPS, Pároco. Em todas, também houve procissão com a imagem mariana. **(por Pascom das paróquias)**

A **Paróquia Nossa Senhora do Bom Parto**, Decanato São Lucas, celebrou a festa da padroeira na noite de quinta-feira, 8, data em que também se recorda o Dia do Nascimento. A missa foi presidida por Dom Cícero Alves de França e concelebrada pelo Padre Miguel Lisboa Aguiar Marcondes, Pároco; pelo Cônego José Miguel Oliveira, Vigário Paroquial; e pelo Padre Atanásio Enchioglo, Colaborador. Na homilia, o Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Belém destacou o exemplo de Maria, que acolheu o chamado de Deus com fé, e convidou os fiéis a superar os medos, confiando na presença do Senhor. **(por Fernando Arthur)**

SANTANA

Dom Márcio Antonio preside missa na festa da padroeira da Paróquia Nossa Senhora Aparecida

DENILSON RABELO
COLABORAÇÃO ESPECIAL PARA A REGIÃO

Na segunda-feira, 12, os fiéis da Paróquia Nossa Senhora Aparecida, Decanato Santa Marta, Santa Maria e São Lázaro, celebraram a solenidade da padroeira, participando da procissão pelas ruas da Vila Albertina e da missa solene, presidida por Dom Márcio Antonio Vidal de Negreiros, OSA, e concelebrada pelo Padre Francisco Ferreira da Silva, Pároco, com a assistência do Diácono Geraldo Aparecido Braga.

Na homilia, o Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Santana desta-



Denilson Rabelo

cou as palavras de Maria nas Bodas de Caná: “Fazei tudo o que ele vos disser”. O Episcopo convidou os fiéis a ouvir Jesus e a viver a fé por meio de atitudes de acolhimento, paz e comunhão.

Dom Márcio ressaltou ainda a importância de caminhar juntos como Igreja e de superar as divisões na sociedade.

Ao final da missa, Padre Francisco agradeceu a presença de Dom Márcio e destacou a visita do Bispo como sinal da unidade da Igreja. Também reafirmou o compromisso da comunidade paroquial em caminhar em comunhão com toda a Igreja.



Donizete Rios

No sábado, 10, a missa da 2ª noite do tríduo da padroeira da **Comunidade Nossa Senhora Aparecida**, da Paróquia Santa Rita de Cássia, Decanato São Tiago de Zebedeu, foi presidida por Dom Márcio Antonio Vidal de Negreiros, OSA, e concelebrada pelo Frei Eliseo Bárdon, OSA, Vigário Paroquial.

(por **Fernando Fernandes**)



YouTube da Rádio 9 de Julho

Na segunda-feira, 12, Dom Márcio Vidal de Negreiros, OSA, presidiu uma das missas da festa da padroeira da **Paróquia Nossa Senhora Aparecida**, do Jardim São Paulo, Decanato São Judas Tadeu.

(por **Redação**)



Renata Hama

Em missa presidida por Dom Márcio Antonio Vidal de Negreiros, OSA, no domingo, 11, na **Paróquia Santa Inês**, Decanato Santa Marta, Santa Maria e São Lázaro, 40 jovens receberam o sacramento da Confirmação. Concelebrou o Padre Sergio Almeida Gonçalves, IMC, com a assistência do Diácono Márcio Cesena.

(por **Renata Hama**)



Fernando Fernandes

Na solenidade da padroeira da **Paróquia Nossa Senhora Aparecida da Boa Viagem**, Decanato São Tiago de Zebedeu, na segunda-feira, 12, a missa solene foi presidida por Dom Márcio Antonio Vidal de Negreiros, OSA, Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Santana, e concelebrada pelo Padre Efigênio Rodrigues da Rocha, Pároco.

(por **Fernando Fernandes**)



Bruna Almeida

No dia 7, Dom Márcio Antônio Vidal de Negreiros, OSA, presidiu a missa do 5º dia da novena da padroeira da **Paróquia Nossa Senhora Aparecida**, Decanato São Matias. Concelebrou o Padre Nicolò Stauble, Pároco, com a assistência do Diácono Rainério Sapalo Martinho.

(por **Robson Francisco**)



ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO
MITRA ARQUIDIOCESANA - PROCURADORIA
2026 - 280 ANOS DE CRIAÇÃO DA DIOCESE DE SÃO PAULO.

NOTA DE CONHECIMENTO

A Mitra Arquidiocesana de São Paulo por intermédio da presente nota, vem informar e dar ciência ao Povo Católico e membros das Comunidades Católicas, colaboradores e funcionários da Igreja de São Paulo, e a quem de interesse for, que o Estado do Vaticano, na pessoa do Sr. Maximino Caballero Ledo, na data de 31.08.2026, emitiu agradecimento ao Emmo. Cardeal Odilo Pedro Scherer, Arcebispo Metropolitano de São Paulo, pela oferta do valor de R\$ 165.020,11 (cento e sessenta e cinco mil, vinte reais e onze centavos), correspondente ao “Fundo do Cântone 1.271 CIC”, angariado na Arquidiocese de São Paulo. A oferta constará no Relatório do Óbolo e do Fundo – cânone 1271 – de 2026.

São Paulo, 09 de outubro de 2026.
Mitra Arquidiocesana de São Paulo

LAPA

Dom Edilson faz visita pastoral à Paróquia Nossa Senhora Mãe do Salvador

BENIGNO NAVEIRA
COLABORAÇÃO ESPECIAL PARA A REGIÃO

Entre os dias 7 e 11, Dom Edilson de Souza Silva esteve em visita pastoral à Paróquia Nossa Senhora Mãe do Salvador, mais conhecida como Cruz Torta, em Pinheiros, Decanato São Simão.

O Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Lapa foi acolhido pela comunidade de fiéis e pelo Padre Sergio Lucas Câmara, Pároco, que o acompanhou nas atividades realizadas, entre as quais as visitas às casas de paro-



Pascom paroquial

quianos, incluindo pessoas com enfermidades, ocasiões em que partilhou a Palavra de Deus e ministrou o sacramento da Unção dos Enfermos. Na sequência, na matriz paroquial, inspecionou os livros oficiais de registros de Batismo, Matrimônio e Crisma, além do livro do tombo.

Dom Edilson também se encontrou com catequistas, tanto da Catequese quanto da Crisma, catequizandos e seus pais, crismandos, ministros extraordinários da Sagrada Comunhão e membros dos conselhos fiscal e pastoral. Além disso, presidiu missas, após as quais conversou com vários paroquianos, o que lhe permitiu conhecer a realidade da Paróquia.

Na manhã do domingo, 11, encerrando sua visita pastoral, o Episcopo presidiu a missa, concelebrada pelo Padre Sergio, que ao final agradeceu a visita de Dom Edilson.

Fiéis celebram a padroeira e os 25 anos da Paróquia Nossa Senhora da Imaculada Conceição Aparecida

Na noite da segunda-feira, 12, os fiéis da Paróquia Nossa Senhora da Imaculada Conceição Aparecida, no Jardim Ester, Decanato São Bartolomeu, festejaram a solenidade da padroeira e os 25 anos de criação da Paróquia.

A missa solene foi presidida por Dom Edilson de Souza Silva e concelebrada pelo Padre Benedito Aparecido M. de Rocha, Pároco, com a assistência do Diácono Antônio Geraldo de Souza.

Na homilia, o Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Lapa recordou a celebração de Nossa Senhora



Benigno Naveira

Aparecida em todo o Brasil e rendeu graças a Deus pelos 25 anos de criação da Paróquia, cumprimentando o Pároco e toda a comunidade.

Os festejos pelo jubileu de prata tiveram início com uma novena preparatória, com o tema “25 anos de fé que ilumina, esperança que une e amor que evangeliza”.

Antes da bênção final, o Episcopo abençoou as rosas, que na sequência foram levadas até a imagem de Nossa Senhora Aparecida, a qual foi coroada pelas crianças da catequese. (BN)



Daniela Borini

Na segunda-feira, 12, Dom Edilson de Souza Silva presidiu a missa da festa da padroeira da **Paróquia Nossa Senhora Aparecida**, na Vila Beatriz, Decanato São Simão (foto), concelebrada pelo Padre José Edson Santana Barreto, Pároco, com a assistência do Diácono Ronaldo Contin Della Nina. Nossa Senhora Aparecida também foi solenemente celebrada na Paróquia a ela dedicada na Vila Anglo-Brasileira, Decanato São Simão; bem como nas comunidades que a têm como padroeira na Vila Nova Jaguaré (da Paróquia São José, Decanto São Bartolomeu), no Portal dos Bandeirantes (da Paróquia Santo Estêvam Rei, Decanato São Simão), no Conjunto Habitacional Turístico (da Paróquia Santa Luzia, Decanato São Tito) e no Jardim Rio Pequeno (da Paróquia São Thomas More, Decanato São Bartolomeu).

(por Benigno Naveira)

Prça Dr. João Mendes, 108
Liberdade

Encontro Vocacional Feminino

a partir de 17 anos

Vida Consagrada: Encontro, Testemunho e Missão

24 de outubro de 2026

Das 14h às 17h30 (Santa Missa às 17h30)

Prça Dr. João Mendes, 108 - Liberdade
Paróquia São Gonzalo - Salão Paroquial

(11) 3237-2523
cvasp@uol.com.br
@vocacionalsp

Centro Vocacional Arquidiocesano
ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO

Divulgação

O MELHOR SISTEMA DE GESTÃO ECLESIAL DO BRASIL- 1987

Fortalecendo dioceses, paróquias e comunidades.

SOLUÇÕES ECLESIAIS

Financeiro
Controle Financeiro por centro de custos

Contábil
ECD, ECF

Folha de pagamento
EFD-Reinf

Gestão de Eventos
Sistema para eventos, quermesses, festas juninas etc.

Orgdom
APP diocesano e paroquial

OrgSmart
Captura de notas fiscais eletrônicas

Conciliação bancária eletrônica

Gestão pastoral, chancelaria, controle patrimonial e tribunal

ENTRE EM CONTATO

www.orgeclesial.com.br
reinaldo@orgeclesial.com.br
Orgeclesial
@orgeclesial

Escritório Franca
Rua Minas Gerais, 2041, Vila Aparecida, Franca SP
16 99275-1899
16 2103-6166

Escritório São Paulo
Av. Paulista, 765, 7 Andar, Bela Vista, São Paulo SP
16 99266-8613
11 2450-7344

Mais de 500 milhões de cristãos enfrentam barreiras para ter acesso à Bíblia

JOSÉ FERREIRA FILHO
osaopaulo@uol.com.br

Em muitos países, ler ou simplesmente possuir as Sagradas Escrituras continua sendo algo difícil; e, em alguns casos, perigoso. O relatório *Bible Access List 2026*, divulgado no dia 1º pela Bible Access Initiative, traz números que desafiam a percepção comum de que a Bíblia está “disponível para todos”.

Segundo o estudo, mais de 500 milhões de cristãos vivem em nações em que o acesso à Bíblia é dificultado por perseguição, restrições governamentais, violência de grupos extremistas ou pressões familiares e sociais.

Na segunda edição do relatório (a primeira foi no ano passado), o levantamento ampliou o alcance de 88 para 106 países e analisou obstáculos políticos, religiosos, econômicos e tecnológicos que impedem ou complicam o contato com a Bíblia.

O dado mais impactante diz respeito às restrições ligadas à perseguição: mais de 500 milhões de cristãos enfrentam dificuldades para obter ou usar a Bíblia, sendo que mais de 250 milhões vivem em condições consideradas “muito difíceis”.

O relatório deixa claro que isso não significa ausência total das Escrituras. Em vez disso, estima que cerca de 125 milhões de cristãos, espalhados por 81 países, desejam ter um exem-

plar pessoal, mas não o possuem – seja por restrições legais, seja por pobreza, seja por falta de infraestrutura.

Além da perseguição, barreiras socioeconômicas pesam fortemente. Mais de 550 milhões de cristãos em 33 países enfrentam obstáculos sérios relacionados à pobreza, falta de eletricidade, estradas precárias, baixa alfabetização e acesso limitado à internet. Nesses contextos, aproximadamente 82 milhões não têm uma Bíblia própria.

Os países com as restrições mais severas (classificados como “máximas”) incluem Afeganistão, Iêmen, Somália, Coreia do Norte e Eritreia, seguidos de perto por Mauritânia. Nesses lugares, a questão vai muito além do preço ou da disponibilidade em livrarias: a impressão, a importação, a distribuição, o armazenamento e até a posse pessoal de Bíblias podem ser controlados, proibidos ou punidos com prisão e, em casos extremos, com a morte.

Já na lista de maior escassez material (em que a falta de Bíblias é maior entre quem as deseja), destacam-se a República Democrática do Congo, Etiópia, Nigéria e Índia, cada um com déficit estimado de mais de 10 milhões de exemplares, seguidos por Uganda (entre 5 e 10 milhões).

A expansão das versões digitais e aplicativos não eliminou as barreiras. Mais de 400 milhões

de cristãos em 42 países não têm acesso à internet. Outros 277 milhões vivem em 48 países nos quais consultar a Bíblia *on-line* pode ser arriscado ou restrito por vigilância, censura ou ameaça de repressão. Ou seja: a simples existência de um texto digital em algum lugar do mundo não garante que o fiel consiga lê-lo com segurança.

O relatório enfatiza uma distinção importante: disponibilidade não é o mesmo que acesso. Nunca houve tantas traduções, formatos impressos, áudio e *apps*. Ainda assim, para centenas de milhões de pessoas, a Bíblia continua fora de alcance prático ou seguro.

Visto do Brasil – em que é possível comprar uma Bíblia em qualquer livraria, baixá-la gratuitamente no celular ou acessá-la em *sites* e aplicativos em segundos –, esses números parecem distantes.

A liberdade de ler e possuir uma Bíblia parece natural. Em outras partes do mundo, o mesmo gesto pode representar um ato de fé com consequências reais.

O *Bible Access List 2026* revela um paradoxo contemporâneo: enquanto parte da humanidade nunca teve tanto acesso às Escrituras, centenas de milhões de cristãos ainda vivem em sociedades em que possuir uma Bíblia não é um gesto comum; é, muitas vezes, um testemunho de fé.

Fontes: Gaudium Press e Bible Access List

Liturgia e Vida

A Deus o que é de Deus!

29º DOMINGO DO TEMPO COMUM
18 DE OUTUBRO DE 2026

PADRE JOÃO BECHARA VENTURA

Fariseus e herodianos se uniram para condenar o Senhor com uma pergunta: “É lícito ou não pagar imposto a César?” (Mt 22,17). Respondendo que sim, Ele se mostraria favorável a um regime nocivo aos judeus; dizendo que não, seria tido pelos romanos como insubordinado. Pediu-lhes, então, que trouxessem uma moeda e perguntou: “De quem é a figura e a inscrição?” “De César”, responderam. “Dai, pois, a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus” (Mt 22,21). Este é o princípio que rege a delicada relação entre a Igreja e o poder político.

Reconhecemos que “as autoridades que existem foram estabelecidas por Deus” (Rm 13,1) e, portanto, devem ser obedecidas. Isso não quer dizer que todos os governos sejam justos, mas que foram permitidos por Aquele que “domina sobre o reino dos homens e o entrega a quem Lhe apraz” (Dn 4,22). Por isso, São Paulo ordenou que “se façam pedidos, orações, súplicas e ações de graças pelos reis e por todos que detêm autoridade” (1Tm 2,1); e Jesus, ao ser julgado, recordou a Pilatos que este não teria poder algum se não lhe fosse dado do alto (Jo 19,11).

Contudo, se os governantes nos mandam fazer coisas contrárias à Lei de Deus, temos não somente o direito, mas inclusive o dever de desobedecer-lhes, pois “é preciso obedecer antes a Deus que aos homens” (At 5,29). Segundo São João Crisóstomo, quando ‘damos a César’ algo contrário a Deus, acabamos por pagar tributo ao diabo. É preciso, além disso, preservar nossas consciências das condutas imorais permitidas pelo estado. Leis e tribunais toleram, por exemplo, o adultério, a blasfêmia, o aborto e a pornografia; nós, porém, jamais podemos aceitar tais condutas e temos de fazer o possível para que sejam erradicadas.

Existem leis divinas reveladas diretamente pelo Criador. Há também leis naturais que Ele inscreveu no coração de cada homem, e que podem ser deduzidas pelo reto uso da razão. Exemplos delas são a ilicitude do furto, do homicídio, da bigamia, da calúnia etc. Os governantes civis têm a obrigação moral de respeitar semelhantes leis, bem como os direitos naturais delas decorrentes, tais como o direito à vida, à propriedade privada, à educação da prole e à prática da religião. Violando o direito natural ou divino, legisladores e magistrados atentam contra a paz e o bem comum, pecam gravemente e usurpam um poder que não lhes pertence.

Já os líderes da Igreja têm competência para ensinar e julgar acerca da doutrina da fé, da moral e dos sacramentos. Devem pregar sobre Cristo, a Virgem, o amor, o pecado, a justiça, o perdão, o Céu, o inferno etc. Têm, outrossim, a missão de recordar a todos – católicos ou não – os preceitos da lei natural. Quando deixam de lado essas funções para se imiscuir em assuntos temporais opináveis – tais como especificidades econômicas, administrativas ou ambientais – facilmente erram, pois não receberam carisma sobrenatural para isso. Assim, negligenciam a função que lhes é própria e causam confusão e divisão entre os fiéis.

Argentina

Peregrinação reúne número recorde de fiéis

Nos dias 3 e 4, a Argentina viveu uma das maiores manifestações de fé da sua história contemporânea. A 52ª Peregrinação Juvenil ao Santuário de Nossa Senhora de Luján, Padroeira do país, atraiu cerca de 2,7 milhões de pessoas, segundo dados oficiais do Ministério da Segurança da Província de Buenos Aires. O número supera as edições anteriores e confirma a força permanente dessa tradição, iniciada em 1975, quando cerca de 30 mil jovens percorreram o mesmo caminho sob o lema “A juventude peregrina a Luján pela pátria”.

O início da peregrinação de 60 quilômetros foi acompanhado por Dom Jorge García Cuerva, Arcebispo de Buenos Aires, e Dom Gustavo Carrara, Arcebispo de La Plata. O lema deste ano – “Mãe, em teu abraço nos reconhecemos irmãos” – deu o tom de toda a caminhada. Ao longo do trajeto, mais de 80 postos de apoio montados por paróquias, movimentos

e organizações ofereceram água, alimentos, assistência sanitária e até “abraços gratuitos”. Cerca de 6 mil voluntários participaram do evento, que contou ainda com hospitais móveis, ambulâncias e caminhões-pipa.

A missa central, no dia 4, foi presidida por Dom Jorge, que na homilia fez um forte apelo à reconciliação: “Nossa pátria tem muitos abraços pendentes: abraços de perdão diante de tanta desqualificação e insulto; abraços solidários diante de tanta indiferença; abraços de encontro diante de tanto extraviado”, afirmou. Ele criticou as “feridas da desqualificação, da intolerância e da violência física e verbal” e convidou os fiéis a se tornarem “artesãos da fraternidade”.

“Que Maria nos ensine a respeitar uns aos outros, a perdoar-nos e a dialogar com todos; que deixemos de menosprezar o próximo, de ser indiferentes com

quem sofre e de dar espaço ao ódio entre nós, pois experimentamos em Luján que, em seu abraço maternal, nos reconhecemos como irmãos”, exortou o Arcebispo de Buenos Aires.

A Basílica e Santuário Nacional de Nossa Senhora de Luján é o principal centro de devoção mariana da Argentina. Sua origem remonta a 1630, quando uma imagem da Imaculada Conceição, trazida do Brasil a pedido de um fazendeiro português, teria parado miraculosamente nas margens do Rio Luján. Uma pequena capela foi construída no local. Com o tempo, a devoção cresceu, e a atual Basílica neogótica começou a ser erguida em 1890, sob a inspiração do Padre Jorge María Salvaire. O templo recebeu o título de Basílica Menor em 1930 e continua sendo um dos santuários marianos mais visitados da América Latina. (JFF)

Fonte: ACI Prensa e EWTN News

Papa Leão XIV passa por cirurgia para a retirada de nódulo no pulmão

REDAÇÃO
osaopaulo@uol.com.br

“A operação foi concluída com sucesso, dentro do prazo e da forma prevista”. O breve comunicado feito pela Sala de Imprensa da Santa Sé, por meio do Telegram, na terça-feira, 13, acerca da cirurgia a que se submeteu o Papa Leão XIV para a retirada de um nódulo do pulmão, foi recebido com alívio em todo o mundo.

No domingo, 11, na oração mariana do *Angelus*, na Praça São Pedro, foi o próprio Pontífice que deu a notícia que minutos depois era destaque em toda a imprensa internacional: “Recentemente, durante alguns exames, os médicos encontraram em mim um nódulo circunscrito no pulmão. Foi identificado em uma fase muito inicial e está bem localizado. Os médicos consideram oportuno intervir. E, então, seguindo os conselhos deles, decidi me submeter a uma cirurgia para retirá-lo”.

“Confio-me às suas orações”, disse ainda o Pontífice, pedido prontamente atendido, com as intenções de oração pela saúde do Papa nas missas em to-



Papa Leão XIV é recepcionado no Hospital Policlínico Gemelli, em Roma, dia 13

das as partes do mundo.

Leão XIV internou-se no Hospital Policlínico Gemelli, em Roma, no começo da tarde da terça-feira, o procedimento cirúrgico ocorreu horas depois e, à noite, o Santo Padre já se encontrava em recuperação em um dos quartos do hospital, conforme informado pela Sala de Imprensa da Santa Sé.

Ainda na terça-feira, em outro co-

municado mais detalhado pelos médicos que operaram o Santo Padre, foi informado que ele passou por uma cirurgia torácica e que “para assegurar a radicalidade da intervenção, foi removido o lobo inferior do pulmão direito por meio de técnica videoassistida. O exame histológico intraoperatório confirmou o diagnóstico de adenocarcinoma pulmonar, con-

forme suscitado pelos exames pré-operatórios”. O Papa – prossegue o comunicado – “permaneceu na sala de cirurgia por cerca de três horas, enquanto a intervenção teve duração aproximada de 90 minutos. A cirurgia foi bem-sucedida e não houve complicações”.

Antes da realização da cirurgia, a previsão inicial era que o Pontífice permaneceria internado por cerca de uma semana. Até o fechamento desta edição, não havia confirmação se este prazo será mantido ou se poderá ser estendido. Por ora, todos os compromissos públicos do Papa estão suspensos.

Em conversa com jornalistas, horas antes da internação do Papa, o Cardeal Pietro Parolin, Secretário de Estado do Vaticano, comentou que Leão XIV se mostrava sereno com a realização da cirurgia. “Conversamos com muita serenidade. Realmente, o Santo Padre é um grande exemplo nesse sentido”, disse, complementando: “Esperamos, como ele mesmo disse, que estejamos realmente no início desta dificuldade e, portanto, que o problema possa ser resolvido o mais rapidamente possível”.

(Com informações do Vatican News)

Os 10 anos da exortação *Amoris laetitia* são recordados em evento no Vaticano

FILIPE DOMINGUES
ESPECIAL PARA O SÃO PAULO EM ROMA

Organizado em estilo sinodal, entre os dias 7 e 14, o encontro “Dez anos após a *Amoris laetitia*: anunciar o Evangelho às famílias hoje” reuniu no Vaticano líderes das igrejas orientais e presidentes das conferências episcopais de todo o mundo – além de representantes de famílias e agentes da Pastoral Familiar, entre homens e mulheres. O objetivo foi refletir sobre a exortação do Papa Francisco, publicada em 2016.

Durante a abertura dos trabalhos, no dia 7, o Papa Leão XIV destacou a importância da família, base da vida social, e “de prosseguir o discernimento da Igreja perante as profundas mudanças que afetam um domínio tão intimamente ligado à sua missão no mundo de hoje”.

Refletindo sobre a necessidade de escutar as famílias e de acompanhá-las nas situações de fragilidade, disse o Pontífice: “A família continua a ser fundamental para uma abordagem que una o local e o global, guiada pela busca de uma fraternidade universal em Cristo, que o Evangelho nos chama a construir com todos”.

Os jovens continuam buscando o amor verdadeiro e a fidelidade, afirmou o Papa, mas muitas vezes há desafios concretos que os impedem de formar famílias. “A insegurança econômica, a migração, a violência, a solidão e outras formas de fragilidade emocional também moldam as escolhas que as pessoas fazem e as possibilidades que conseguem imaginar para o seu futuro”, declarou.

“A fragilidade merece uma atenção especial, pois pode moldar profundamente a forma como as pes-

soas se veem a si próprias, o seu futuro e até a sua relação com Deus e com a Igreja”, prosseguiu.

O encontro foi organizado pelo Dicastério para os Leigos, a Família e a Vida, em parceria com a Secretaria Geral do Sínodo. Foram cinco os núcleos temáticos abordados: As famílias hoje: realidade, beleza e desafios; Os jovens e a descoberta da vocação matrimonial; A vida matrimonial - os primeiros anos de casamento: um momento decisivo; Nas dificuldades da vida: acompanhar e apoiar; As famílias cristãs, sujeitos da missão da Igreja.

O convite do Papa Leão XIV, na reflexão sobre as famílias de forma sinodal, foi este: “Ouvir-nos uns aos outros, deixar que o que ouvimos ressoe dentro de nós e permanecer atentos aos sussurros do Espírito Santo pode despertar a criatividade pastoral de que precisamos perante as novas questões.

Cardeal Tagle é eleito decano do Colégio Cardinalício e sucede ao Cardeal Re

Aos 92 anos, o Cardeal italiano Giovanni Battista Re deixa de ser o decano do Colégio Cardinalício e passa o bastão ao Cardeal filipino Luis Antonio Tagle, de 69 anos. A eleição realizada pelos cardeais da ordem dos Bispos foi confirmada pelo Papa Leão XIV na sexta-feira, 9. O Cardeal Re, que participou ativamente de quatro pontificados, de João Paulo II a Leão XIV, passa a ser o “decano emérito”.

O Decano do Colégio Cardinalício é o presidente da organização – *primus inter pares* (o primeiro entre iguais) – ou seja, tem a função de coor-



denar as atividades, mas não governa os cardeais. Cabe a ele se comunicar com os cardeais em questões ligadas aos consistórios (reunião dos cardeais presentes em Roma) e conclave para a eleição de um Papa.

Pró-Prefeito do Dicastério para a Evangelização na seção para a Primeira Evangelização e as Novas Igrejas Particulares, o Cardeal Tagle tem uma missão importante na Cúria Romana, que é a de supervisionar, em nome do Papa, grande parte da Igreja presente nos chamados “países de missão” ou “igrejas jovens”, especialmente na África, na Ásia e na Amazônia. (FD)